

**UNIVERSIDADE TIRADENTES
DIRETORIA DE PESQUISA E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**O MISSIONÁRIO E INTELLECTUAL DA EDUCAÇÃO
ROBERT REID KALLEY (1855-1876)**

PRISCILA SILVA MAZÊO DE ALCÂNTARA

ARACAJU, SE - BRASIL
Fevereiro de 2012

**UNIVERSIDADE TIRADENTES
DIRETORIA DE PESQUISA E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**O MISSIONÁRIO E INTELECTUAL DA EDUCAÇÃO
ROBERT REID KALLEY (1855-1876)**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Educação, sob a orientação da Prof^a Dr^a. Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento.

PRISCILA SILVA MAZÊO DE ALCÂNTARA
Orientador: Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento

ARACAJU, SE - BRASIL
Fevereiro de 2012

**“O MISSIONÁRIO E INTELECTUAL DA EDUCAÇÃO ROBERT REID
KALLEY (1855-1876)”**

**APROVADO PELA COMISSÃO EXAMINADORA EM
FEVEREIRO DE 2012**

Prof^a. Dr^a. Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento (Orientador)

Prof^a. Dr^a. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas – Universidade Federal de Sergipe
(Membro Externo da Banca)

Prof. Dr. Miguel André Berger (Membro Interno da Banca)

Prof. Dr. (Membro Suplente da Banca)

A 347m

Alcântara, Priscila Silva Mazêo de

O missionário e intelectual da Educação Robert Reid kalley,
(1855 – 1876).

/Priscila Silva Mazêo de Alcântara; Orientadora: Ester Fraga
Vilas-Bôas

Carvalho do Nascimento. – Aracaju, 2012.

103 p. : il. ; 21x15 cm.

Inclui bibliografia.

Dissertação (Mestrado em Educação). – Universidade Tiradentes,
2012.

1.Educação. 2. Religião. 3. Brasil oitocentista. I. Nascimento,
Ester Fraga

Vilas-Bôas Carvalho do. (orient.). II. Universidade Tiradentes.
III. Título.

CDU: 37.036

À Prof^a. Dra. Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento,
pela confiança e instrução.

À minha mãe Cleide Silva,
pelos ensinamentos da vida, cuidado e amor sempre.

Ao meu esposo José Augusto C. de Alcântara Júnior,
pela paciência, amor e companheirismo em diferentes momentos.

À Robert Reid Kalley
(*In memoriam*),
pelo feito e bravura.

AGRADECIMENTOS

Por esta caminhada agradeço ao Senhor Deus por tamanha oportunidade, e pelos passos certos que tenho percorrido.

Agradeço à professora Dr^a. Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento a quem sou imensamente grata pela confiança, rigor, bravura, orientações e, sobretudo, ensinamentos. Você é responsável pelo meu crescimento intelectual, e terá por muitos anos um lugar em minhas boas lembranças. Te admiro muito.

À minha mãe Cleide Silva, pessoa humilde e de caráter solidário e bondoso, mesmo sem saber ao certo o significado do saber acadêmico, sempre teve orgulho e apoio as minhas conquistas. Com você aprendi as coisas simples e boas da vida, obrigada por seu amor.

À José Augusto Correia de Alcântara Júnior, a quem tenho profundo carinho e amor; Obrigada por fazer parte da minha história.

Agradeço a professora Eliana Sampaio Romão, que no período da graduação apostou em mim e indicou-me para ser aluna de iniciação científica sob a orientação da professora Dr^a. Ester Vilas-Bôas. Esse passo foi fundamental para chegar até aqui, muito obrigada.

Agradeço à banca examinadora, representada pela professora Dr^a. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas e pelo professor Dr^a. Ilka Miglio de Mesquita. A vocês agradeço pelas contribuições para a realização deste trabalho.

Ao professor Miguel Andre Berger, sua lição de vida e sabedoria ficarão guardadas em minha memória.

As amigas de sempre Nicole Bertinatti e Mirianne Santos de Almeida, gurias obrigada pela força e companhia.

“Ni” foi muito bom poder contar com você nessa experiência.

Agradeço à FAPITEC-SE pelo auxílio financeiro concedido, de modo que, facilitou o desenvolvimento e divulgação da pesquisa realizada.

Agradeço também à Universidade Tiradentes, instituição onde cursei o Mestrado em Educação com isenção da mensalidade.

Aos professores do Mestrado em Educação, pelo empenho e apoio oferecido durante o decorrer do curso.

Agradeço ainda, aos professores do curso de Pedagogia, em especial, a professora Rosimeire Marcedo, Betizabel Vilar e Marcos Paulo; a experiência discente vale à pena quando aprendemos com educadores como vocês, obrigada.

Aos colegas de pesquisa, Ellen Bonfim, Tâmara Regina e Marcus Aldenison, a vocês serei sempre grata pelas experiências vividas, pelos momentos de distrações e apoio oferecido.

Agradeço ainda, à professora Sônia Albuquerque por sua simpatia e pela dedicação na correção deste trabalho.

Por fim, agradeço a todos aqueles que sempre torceram por mim.

RESUMO

Este estudo tem por principal objetivo analisar a ação do missionário protestante Robert Reid Kalley no Brasil durante a segunda metade do século XIX. Através da perspectiva da História Cultural busca-se verificar de que maneira esse indivíduo foi propagador de um modelo religioso e educacional. Para tanto, foram selecionados como marco temporal os anos de 1855, ano em que Robert Reid Kalley chegou ao Brasil, a 1876, quando por motivos de saúde decidiu deixar o país. O recorte teórico-metodológico está pautado em Nobert Elias (1994, 2001), Pierre Bourdieu (2003), Roger Chartier (1990), Jean François Sirinelli (1996), e Carlo Ginzburg (2006) os quais abordam sobre cultura, figuração, campo, representação, intelectual e método indiciário, que auxiliaram na conformação de verdadeiros exercícios mentais, e deram embasamento teórico para esta pesquisa. Este trabalho desenvolveu-se por meio de um levantamento bibliográfico e documental, tendo como fonte as cartas que foram trocadas por Robert Reid Kalley e seus destinatários/remetentes, as quais foram compiladas e organizadas em quatro volumes do livro “Lembranças do Passado”. Dentre as principais atividades desenvolvidas por Robert Reid Kalley no Brasil, ele difundiu impressos protestantes, organizou cultos domésticos, publicou artigos religiosos em jornais, organizou espaços educativos, fundou igrejas, atuou como médico, missionário, pastor, educador e escritor, e firmou grupos, consolidando dessa maneira novos convertidos ao Protestantismo.

Palavras-chave: Robert Reid Kalley, Educação, Práticas religiosas, Práticas educacionais, Brasil Oitocentista

ABSTRACT

The main objective of this study is to examine the action of the Protestant missionary Robert Reid Kalley in Brazil during the second half of the 19th century. Through the perspective of Cultural History, this study seeks to determine how Robert Kalley was a propagator of religious model and educational. The timeframe selected covers the years 1855 (the year Robert Reid Kalley arrived in Brazil) to 1876 (when for health reasons decided to leave the country). The theoretical framework and methodological approach is delineated in Norbert Elias (1994, 2001), Pierre Bourdieu (2003), Roger Chartier (1990), Jean Francois Sirinelli (1996), and Carlo Ginzburg (2006) which address on culture, figures, field, representations, intellect and evidentiary method, which helped in the formation of true mental exercises, and gave a theoretical foundation for this study. In this work was made a literature review through bibliographical research, as a source with the letters that were exchanged by Robert Reid Kalley and his recipients/senders, which were compiled and organized in four volumes of the book "Memories of the Past". The main activities developed by Robert Reid Kalley in Brazil were the dissemination of printed Protestants and organization of Protestant domestic services. He also published articles in newspapers and organized religious educational spaces. Kalley founded churches, worked as a medical, missionary, pastor, teacher, writer and established groups, thus consolidating new converts to Protestantism.

Key words: Robert Reid Kalley; Education, Religious Practices, Educational Practices, 19th century in Brazil.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS

LISTA DE FIGURAS

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1. ROBERT REID KALLEY: MÉDICO, MISSIONÁRIO E EDUCADOR.....	27
1.1 Por uma história do médico e intelectual Robert Reid Kalley.....	29
1.2 A medicina e a missão religiosa na Ilha da Madeira: entre conquistas e embates.....	33
CAPÍTULO 2. UM MISSIONÁRIO COMO INTELECTUAL DA EDUCAÇÃO NO BRASIL.....	38
2.1 Protestantismo e o desenvolvimento missionário no Brasil a partir da segunda metade do século XIX.....	38
2.2 Atuação na Província do Rio de Janeiro: a conquista de uma proposta evangelizadora.....	44
CAPÍTULO 3. A ESFERA EDUCACIONAL COMO ESTRATÉGIA DE ATUAÇÃO.....	65
3.1 Fragmentos acerca da instrução escolar no Brasil Oitocentista e a intervenção do missionário Robert Reid Kalley no campo educacional.....	65
3.2 Circulação de impressos protestantes: difusores de práticas religiosas e educacionais.....	73
3.3 Sarah Pouton Kalley: cristã e educadora.....	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
BIBLIOGRAFIA E FONTES.....	97

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1. Cartas trocadas entre Robert Reid Kalley e seus colaboradores.....	53
QUADRO 2. Colportores e área de atuação (1855-1884).....	77
QUADRO 3. Circulação de impressos protestantes difundidos no Brasil (1856-1864).....	81
QUADRO 4. Solicitação de impressos a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (1866).....	85
QUADRO 5. Títulos e temas de impressos protestantes que circularam no Brasil durante a segunda metade do século XIX.....	87

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Fotografia de Robert Reid Kalley.....	30
Figura 2. Fotografia de Margareth Crawford Kalley, e sua irmã Elizabeth Crawford de Paisley.....	32
Figura 3. Fotografia de Sarah Pouton Kalley.....	36
Figura 4. Capa do Livro A alegria da casa ou Raios de luz: sobre a vida familiar.....	90

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BFBS – Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (*British and Foreign Bible Society*)

ABS – Sociedade Bíblica Americana (*American Bible Society*)

IEF – Igreja Evangélica Fluminense

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como foco apresentar a trajetória do missionário e educador Robert Reid Kalley no Brasil do Oitocentos. Para tanto, objetiva-se compreender sua atuação no cenário religioso e educacional. Além disso, busca-se analisar a importância da sua ação para o desenvolvimento do Protestantismo e da Educação, a fim de apreender sobre as táticas utilizadas por ele para intervir na esfera educacional.

As motivações para investigar tal objeto estão relacionadas ao momento em que, ainda no ano de 2008, como aluna do curso de Pedagogia, participei como bolsista PIBIC do Programa de Iniciação Científica financiado pela Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe (FAPITEC/SE). Durante a realização da pesquisa, as atividades de leitura, discussões de textos e pesquisas on-line ocorreram na Universidade Tiradentes (UNIT). Assim, o presente trabalho é resultado dessa experiência e, de igual modo, pôde ser desenvolvido juntamente com o auxílio da FAPITEC/SE, a quem ressalvo grande reconhecimento. Outrossim, a pesquisa desenvolvida durante a iniciação científica foi originada de um projeto maior da Prof^a. Dr^a. Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento intitulado “Imprensa protestante nos Oitocentos” (2007a).

Especificamente no trabalho desenvolvido no Mestrado, o marco temporal abrange os anos de 1855 até 1876 – relacionado, respectivamente, ao ano em que Robert Reid Kalley chegou ao Brasil e o momento em que, por motivos de saúde, deixou o país.

A abordagem biográfica foi adotada nesta pesquisa como procedimento metodológico, a fim de dar suporte à construção histórica apresentada, que tem como escopo a representação do eu “Robert Reid Kalley”, mediante a organização e seleção das ideias acerca desse indivíduo. Além disso, este estudo possibilitou versar sobre “a micro-história, os estudos de caso; [...], as histórias de vida; os trabalhos sobre vida cotidiana, sobre sensibilidades. Também a discussão sobre a memória, sobre geração, sobre família, sobre gênero” (BORGES, 2006 p. 215).

O referencial teórico-metodológico está pautado em Nöbert Elias (1994, 2001), Pierre Bourdieu (2005), Roger Chartier (1990), Jean François Sirinelli (1996) e Carlo Ginzburg (2006), os quais abordam sobre cultura, figuração, campo, representação, intelectual e método indiciário, que auxiliaram na conformação de verdadeiros exercícios mentais e embasaram teoricamente a pesquisa realizada.

Saliento ainda que esta pesquisa é de cunho bibliográfico e documental e, para realizá-la, adotei como fonte as cartas trocadas entre Robert Reid Kalley e seus colaboradores, as quais foram compiladas e publicadas em quatro volumes do livro “Lembranças do Passado”, por João Gomes da Rocha, brasileiro e filho adotivo de Robert Reid Kalley.

As cartas analisadas foram trocadas entre o casal Kalley e seus colaboradores. Dentre eles, amigos, colportores e dirigentes da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (BFBS). No total, somam-se aproximadamente 300 cartas – algumas completas e outras, em forma de trechos selecionados pelo autor dos volumes “Lembranças do Passado”. Entre os assuntos mais abordados estão a evangelização, a doutrina, os embates religiosos, as viagens, a circulação de impressos e os cultos domésticos. Analisar estas fontes possibilitou-me compreender sobre a movimentação realizada por Robert Reid Kalley, de modo que me permitiu apreender sobre o que pensava e como procurava agir. Além disso, tornou-se possível ainda desvendar nomes de alguns mediadores de Robert Reid Kalley.

Além de cartas, o livro “Lembranças do Passado” é composto por artigos de jornais, pequenos textos dos diários do casal, relatórios de vendas dos impressos, textos de hinos sagrados e sermões. Embora esteja constituído por uma pluralidade documental, optei por explorar as cartas por resguardarem a memória de forma mais detalhada sobre a ação entre Robert Reid Kalley e seus destinatários e remetentes.

Os dois primeiros volumes compõem o acervo particular da Prof^a. Dra. Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento e foram cedidos para esta pesquisa; referente aos volumes três e quatro, o acesso foi obtido através do Prof. Msc. Cleófas Lima Alves de Freitas Júnior, também disponíveis em seu acervo pessoal. Além desse conjunto de fontes, visitei o Arquivo Histórico Presbiteriano da cidade de São Paulo.

O primeiro volume do livro “Lembranças do Passado” foi publicado no ano de 1941. Nele é apresentada a primeira fase do trabalho de Robert Reid Kalley no Brasil, entre o período de 1855 a 1864. Está organizado em 384 páginas, dividido em 44 capítulos, pequenos versos de hinos sagrados, 14 fotografias, dentre as quais: o diploma de Robert Reid Kalley de Ministro do Evangelho, tabelas referentes à venda de impressos e de despesas da Igreja Evangélica Fluminense (IEF) e um índice no final. Há também uma apresentação escrita por Synesio Lyra, pastor da IEF e um texto *In Memoriam* produzido pelo autor João Gomes da Rocha.

O volume dois descreve a segunda fase do trabalho de Robert Reid Kalley no Brasil, que compreende o período de 1865 a 1867. É composto por 355 páginas e 36 capítulos. Há

uma apresentação do mesmo autor do volume anterior, contem trechos de hinos sagrados, citações dos diários do casal Kalley, índice no final, relatórios de despesas com alugueis, passagens e hospedagens, além de artigos publicados em jornais. Durante esse período, Robert Reid Kalley publicou 11 artigos no “Jornal do Commercio”, do Rio de Janeiro.

O terceiro volume foi publicado em 1946. Traz registros do período referente à terceira fase, correspondente aos anos de 1868 a 1872. É composto por 333 páginas e 23 capítulos. Assim como os volumes anteriores, há uma apresentação escrita pelo mesmo autor. Há citações dos diários do casal, textos de atas, sermões e apenas um texto de hino sagrado.

O quarto e último volume descreve o período de 1873 a janeiro de 1888. Foi publicado em 1957. Composto por 411 páginas, há uma apresentação, mas sem autoria. São 28 capítulos e uma *Nota Final* da Comissão de Redação e Publicação do livro “Lembranças do Passado”. Em todos os volumes, há cartas que correspondem a mais de 50% do texto dos livros.

Uma das metodologias utilizadas para trabalhar com a coleta de dados foi a elaboração de quadros e gráficos que permitiram de maneira sistemática agrupar informações pertinentes para o entendimento deste estudo.

Após a leitura do livro “Destino das Letras: história, educação e escrita epistolar” (2002), pude compreender melhor a respeito das cartas como fonte de pesquisa. Como o citado livro foi produzido por um grupo de pesquisadores que fez uso de cartas para subsidiar suas pesquisas, tais produções revelaram a importância dessas fontes como documento histórico que reúne práticas culturais e que servem como suporte material de pesquisa, mesmo quando se tem acesso àquelas compiladas por outrem.

Em contrapartida, ressalto que as cartas analisadas correspondem a uma seleção realizada de maneira intencional por João Gomes da Rocha. E, por esse motivo, talvez justifique a possível ocultação de comentários negativos a respeito de Robert Reid Kalley. Como afirmou Jacques Le Goff, “o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada” (LE GOFF, 1984, p. 95).

Tratar sobre aspectos da trajetória de um indivíduo é versar sobre a representação de uma cultura. Nessa perspectiva, entendo cultura, segundo acepções elaboradas por Norbert Elias (1994a), como tudo aquilo que distancia o homem da natureza e que diz respeito às práticas civilizatórias.

Nesse contexto, tratar sobre Robert Reid Kalley é apresentar características de um líder religioso que buscou mecanismos para desenvolver seu trabalho missionário no intuito de representar a religião a qual pertencia:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (CHARTIER, 1990, p. 17).

Uma das peculiaridades que marcou a ação do missionário Robert Reid Kalley no Brasil foi utilizar impressos para divulgar ideias cristãs protestantes. Dentre as publicações sobre circulação de impressos no Brasil, destaco “Histórias de cordéis e folhetos” (1999), de Márcia Abreu, que objetivou investigar sobre a literatura de cordel lusitana iniciada no século XVI e a sua ligação com a produção da literatura de folhetos nordestinos no Brasil. Uma das conclusões apontada pela autora foi a de que, embora a produção da literatura de folhetos no Brasil tenha se referenciado às histórias lusitanas, a versão brasileira propagou-se amplamente, tornando escassa a utilização da literatura lusitana no Brasil.

Nessa perspectiva da história da literatura de cordel, há também o estudo realizado por Ana Maria de Oliveira Galvão. Em seu livro: “Cordel: leitores e ouvintes” (2001), nesse estudo a autora averiguou a prática de leitura de cordel entre os anos de 30 e 50 do século XX em Pernambuco, levando-se em consideração a análise dos “leitores/ouvintes e das leituras audições dos folhetos de cordel” (GALVÃO, 2001, p, 20). Para tanto, adotou como fonte de pesquisa os folhetos que circularam no período investigado, e, além disso, recorreu a entrevistas, realizadas com sobreviventes do período investigado.

Do mesmo modo que afirmou Márcia Abreu (1999), Ana Maria de Oliveira Galvão (2001) apontou que a literatura produzida em Portugal influenciou na produção literária dos folhetos brasileiros e apresentou os principais temas abordados nesse tipo de literatura, a exemplo de assuntos religiosos referentes ao Catolicismo, aspectos políticos e outros.

No livro “Leitura: práticas, impressos, letramentos” (2005), organizado em sete capítulos e escrito por diferentes autores, são apresentadas questões que envolvem a prática de leitura e, deste modo, considera também a utilização do recurso impresso, como também a aproximação com a escrita. Para aludir algumas das abordagens destacadas nesse livro, cito o estudo da autora Marlyse Meyer, que analisou a utilização do romance folhetim francês no Brasil, entre os séculos XIX e XX. Além do que, dedicou-se num segundo momento, a analisar acerca das leituras e formas de ler de imigrantes italianos residentes em São Paulo, no início do século XX.

Além do trabalho aludido, são abordados, nessa coletânea de textos, aspectos referentes à leitura literária, ao uso de revistas pedagógicas como veículos de divulgação de conhecimentos, a questão da alfabetização e o analfabetismo no século XIX.

O livro “Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros” cuja publicação foi organizada por Aníbal Bragança e Márcia Abreu, reúne 35 capítulos, que decorreram de pesquisas de diferentes autores, os quais discorrem acerca da história da imprensa no Brasil e sobre seus agentes: editores, tipógrafos, livreiros, autores e leitores. Dentre os destaques, encontram-se assuntos como: livros de baixo custo nos anos finais do século XIX; São Paulo, a cidade de grande circulação de livros didáticos; o desenvolvimento da atividade tipográfica em Pernambuco entre os anos de 1817 a 1850; e dentre os aspectos referente à história do livro e seus itinerários, destaca-se também as atividades ocorridas na Paraíba, Bahia e Rio Grande do Sul; e, ainda, a relação sobre o período da Ditadura Militar e a censura de livros; bibliotecas privadas; literatura de cordel; entre outros.

Em “O Artista: um jornal dedicado à indústria e as artes no Maranhão império”, Cesar Augusto Castro teve por objetivo analisar as ideias do redator Miguel Viana Ferreira, acerca da educação profissional, publicadas no jornal “O Artista”, entre o período de 1868 e 1869. Dentre as considerações apontadas pelo autor, destaca-se o perfil do escritor e redator Miguel Viana Ferreira, como um homem crítico, político e religioso, além disso, trata também sobre o perfil dos leitores do jornal “O Artista”, que tinha como público:

[...] artífices maranhenses. Segundo esse jornal, os artífices são todas as pessoas que trabalhavam no comércio, na lavoura e na indústria, com atividades específicas, a exemplo de carpinteiro, ferreiro, modista, marceneiro, dentre outras profissões manuais (CASTRO, 2010, p. 180).

A análise realizada por Cesar Augusto Castro permite perceber qual era o tipo de leitor do Maranhão Oitocentista, demonstrando, dessa forma, um percentual parcial do tipo de leitor no Brasil do Oitocentos.

Sob uma nova perspectiva, há também os estudos que tratam sobre os intelectuais, como o trabalho de Elcio de Gusmão Verçosa, que organizou e publicou, em 2008, o livro: “Intelectuais e processos formativos em Alagoas (séculos XIX e XX)”, cuja produção é resultado de pesquisas desenvolvidas por membros do Grupo de Pesquisa “Caminhos da Educação em Alagoas”. Dividido em duas problemáticas, “Intelectuais e Educação” e “Espaços e processos formativos”. Os autores desse livro tiveram por objetivo tratar sobre aspectos referentes à educação alagoana durante o período anunciado.

Para tanto, dentre os estudos oferecidos, apresenta-se a trajetória de João Capistrano de Mendonça e Francisco Domingues da Silva, intelectuais que intervieram para o desenvolvimento educacional de Alagoas. Outro destaque trata-se da ação de imigrantes intelectuais católicos, que agiram na esfera educacional. Sob a perspectiva acerca de instituições de ensino, destaca-se o Colégio de Educandos Artífices (1854) e o Liceu de Artes e Ofícios (1884) – ambos criados em Maceió, e que atendia diferentes classes.

Atualmente, as pesquisas em História da Educação vêm se caracterizando por uma diversidade de temáticas abordadas. Dentre elas, alguns pesquisadores tem se dedicado a investigar sobre a ação de grupos protestantes e a sua relação com a educação no Brasil – como exemplo, há o estudo de Cleófas Lima Alves de Freitas Júnior (2010), que analisou as práticas de mulheres protestantes da Igreja Evangélica Congregacional de Campina Grande - PB, entre os anos de 1927 a 1960. Nesse trabalho, o autor tencionou compreender as relações de comportamento das mulheres evangélicas e o papel delas como representantes de uma imagem feminina e religiosa, “marcadas pela obediência das normas morais e de conduta” (FREITAS JR, 2010, p. 14).

Há também o estudo “Educação de papel: impressos protestantes educando mulheres”, de Sandra Cristina da Silva (2009), em que a autora abordou sobre o cotidiano de mulheres religiosas presbiterianas e batistas na primeira metade do século XX, em Pernambuco, com a finalidade de entender a importância da imprensa protestante para a educação das mulheres cristãs.

Outro trabalho que referencio é a tese: “As Boas Novas pela palavra impressa: impressos e imprensa protestante no Brasil (1837-1930)”, de Micheline Reinaux de Vasconcelos (2010). Nesse estudo, a autora objetivou apresentar o papel da imprensa e principalmente da circulação de impressos, como: almanaques, livros de cânticos, jornais, livros, folhetos e revistas, demonstrando “que as publicações denominacionais foram parte constitutiva de uma cultura impressa protestante no Brasil, permeando a formação e consolidação destes grupos no país” (VASCONCELOS, 2010, p. 13).

Os dois primeiros estudos citados enfatizam a relação entre a religião protestante e a educação feminina; enquanto que, as investigações realizadas por Micheline Reinaux de Vasconcelos e por Sandra Cristina da Silva identificam-se por abordar a propósito da ação de protestantes na organização e difusão de impressos protestantes; em ambos, ressaltam a importância desse recurso tecnológico (os impressos) para a difusão da informação e conformação do conhecimento protestante para a sociedade participativa da época.

Ratifico que essas leituras foram significativas, pois ampliaram minha percepção sobre a ação de diversos grupos protestantes que atuaram no Brasil, de modo a perceber aspectos como: a expansão territorial por eles ocupada, a formação de grupos de leitores e a colaboração para a educação feminina.

As produções publicadas por Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento (2004, 2007a, 2007b) abordam questões como, por exemplo, organizações de igrejas protestantes, escolas, orfanatos, e, principalmente, sobre a difusão de impressos como divulgadores de práticas e saberes religiosos e educacionais. No livro: “A Escola Americana: origens da educação protestante em Sergipe (1886-1913)”, publicado em 2004, a autora discutiu sobre a ação de um grupo norte-americano, os presbiterianos, na implantação da Escola Americana na Província de Sergipe, demonstrando a inserção e colaboração desse grupo religioso na esfera educacional do país. Desde o ano de 2007, a referida pesquisadora vem desenvolvendo o projeto de pesquisa intitulado “Impressos Protestante nos Oitocentos”, além deste, a referida autora publicou no mesmo ano, o livro “Educar, Curar, Salvar: uma ilha de civilização no Brasil tropical”, em que tratou sobre a ação de missionários presbiterianos, pastores, professores, professoras, médicos e enfermeiras que operaram no interior da Bahia, com o objetivo de civilizar os brasileiros através da religião, educação e saúde.

Em meio às leituras realizadas, destaco ainda a relevância de outros livros para este estudo. Entre os quais, “Robert Reid Kalley: médico, missionário e profeta” (2001), e “Práticas pastorais: do pioneiro da evangelização no Brasil” (2005), de Douglas Nassif Cardoso. Ainda que esse autor tenha investigado sobre Robert Reid Kalley, vale registrar que seus objetivos, diferentemente dos reunidos neste estudo, versaram prioritariamente à abordagem teológica. Além dos livros mencionados, Douglas Nassif Cardoso publicou também o livro “Cotidiano feminino no segundo império” (2005), cuja abordagem foi direcionada sobre o papel social e civilizador que Sarah Pouton Kalley prestou a sociedade brasileira, através de seu livro “A alegria da casa ou Raios de luz: sobre a vida familiar”, em que teve como finalidade instruir e conformar novos hábitos de civilidade à população feminina do Brasil Oitocentista.

William Forsyth (2006), em seu livro “Jornada no Império: vida e obra do Dr. Kalley no Brasil”, versou sobre a ação de Robert Reid Kalley em Portugal e no Brasil. O objetivo desse autor partiu da perspectiva de oferecer o conhecimento sobre a trajetória desse missionário, demonstrando as atividades e os reforços de Robert Reid Kalley para consolidar a reforma protestante em Portugal e no Brasil. Uma das contribuições dessa leitura findou-se

por permitir captar informações a respeito das atividades de Robert Reid Kalley desenvolvidas em Portugal, assim como admitiu compreender aspectos referentes às dificuldades enfrentadas naquele país.

Outra produção que merece destaque é o livro “O Protestantismo Brasileiro” (1963), escrito pelo historiador francês Émile G. Léonard, pioneiro na historiografia sobre o desenvolvimento do Protestantismo no Brasil, em que objetivou apresentar um estudo sobre a história social religiosa protestante.

Com o surgimento da História Cultural, as pesquisas em História da Educação adquiriram novos objetos de investigação. Estudos relativamente recentes passaram a valorizar o papel desempenhado por indivíduos, que conquistaram importantes papéis e espaços sociais, por motivo de suas ações. Trata-se de produções de caráter biográfico, que abordam sobre trajetórias de indivíduos e suas relações e colaborações para a sociedade em que viveram, sendo que tais análises permitem também conhecer aspectos culturais de uma determinada época.

Vavy Pacheco Borges (2010), ao demonstrar sobre a iniciativa e o interesse pelos estudos de cunho biográfico nos últimos anos, aponta que uma das características que marcaram tal medida relaciona-se a transformações ocorridas nos espaços acadêmicos, os quais se principiaram por romper com diagnósticos antes utilizados que suscitavam a ideia de totalidade “como classe e mentalidades”, assim como “categorias predeterminadas (como revolução)” (BORGES, 2006, p. 210). Nesse caso, surgiram novos debates e discussões acerca desses aspectos, pois se a história diz respeito a tudo aquilo que envolve a atividade humana, as várias histórias são tão complexas de se compreender, quanto são os seus agentes.

Dessa forma, alguns autores têm se dedicado a realizar estudos a fim de consentir credibilidade a personagens que estiveram envolvidos em movimentos sociais, intervindo em áreas como a educação, saúde, economia, política, entre outros. Indivíduos esquecidos, talvez intencionalmente guardados em gavetas e estantes imóveis, e que ultimamente estão sendo recuperados pela memória de outrem, por considerar que, “as abordagens sobre intelectuais são importantes contribuições que servem para reafirmar a condição do indivíduo como sujeito da história” (NASCIMENTO, J., 2007, p. 8).

No livro “Educação e educadoras na Paraíba do século XX”, organizado por Machado e Nunes (2009), aborda-se trajetórias de professoras que colaboraram para o desenvolvimento educacional da Paraíba Novecentista. Através do qual, são apontados aspectos referentes às conquistas e dificuldades enfrentadas, como a luta pelo direito à escolarização, direito ao

voto, conquista da profissão magisterial, liberdade de opinião e atividades intelectuais como a escrita e publicação, dentre outros.

Dentre as produções publicadas por Charliton Machado, destaco também os livros “Zila Mamede: trajetórias literárias e educativas” (2010), e “O barão e o prisioneiro: biografia e história de vida em debate” (2011), publicado em co-autoria com Raimundo Vasconcelos Júnior e José Gerardo Vasconcelos.

No livro dedicado à escritora, poeta e bibliotecária Zila Mamede, o autor teve por principal objetivo resgatar historicamente a trajetória dessa intelectual e mulher buscando “estabelecer uma relação incessantemente renovada entre o passado e o presente no universo cultural da produção, organização e circulação do livro no Brasil, destacando suas principais contribuições educacionais (MACHADO, 2010, p. 93)”. Uma das conclusões destacadas pelo autor da obra, que pondero de extrema relevância para os estudos desenvolvidos na perspectiva de análise biográfica é a afirmativa que: “a opção pelo método biográfico [...] fortaleceu a compreensão de que o indivíduo e a sociedade são esferas indissociáveis da compreensão histórica” (MACHADO, 2010, p. 22).

Em “O barão e o prisioneiro: biografia e história de vida em debate” é apresentado a trajetória de dois personagens cearenses, o primeiro o intelectual Barão de Studart, médico, historiador e geógrafo que viveu entre o final do século XIX e início do século XX. Tal estudo que teve por objetivo analisar o movimento intelectual e a ação filantrópica exercida pelo Barão Studart e sua colaboração para o desenvolvimento socioeducacional da época. Enquanto que a pesquisa sobre o carcerário Francisco Siqueira de Lima, relatou a respeito da experiência de um indivíduo que viveu por alguns anos como aprisionado e que desempenhou a prática docente ao alfabetizar os seus companheiros do presídio.

Em sua Tese de Doutorado, Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas (2003), tratou acerca da trajetória educacional e profissional de três sergipanas, Itala Silva de Oliveira, Quintina Diniz de Oliveira Ribeiro e Maria Rita Soares de Andrade. Nesse trabalho, a autora buscou compreender as estratégias utilizadas por cada personagem analisada, a fim de demonstrar a ascensão social que elas tiveram ao atuar em espaços antes restritos ao público masculino.

Eugênia Andrade Vieira da Silva (2004) investigou sobre a formação de intelectuais sergipanos no período imperial, entre os anos de 1822 a 1889, levando em consideração identificar em que instituições os intelectuais se formaram, quais os domínios ocupados por eles e quais foram as suas contribuições para a formação de uma nova elite intelectual.

Os trabalhos de Jussara Maria Vieira Silveira (2008) e o de Maria do Socorro Lima (2008) caracterizam-se como produções de análise biográfica. Em ambos os casos, apresentaram aspectos sobre a trajetória profissional docente de seus biografados, personagens que atuaram por volta do século XX, no Estado de Sergipe.

Jussara Maria Vieira Silveira (2008) tratou a respeito das atividades desempenhadas pelo médico João Cardoso Nascimento Júnior, demonstrando seu papel socioeducativo ao intervir em áreas como a educação e a saúde; já a pesquisadora Maria do Socorro Lima (2008) versou sobre a trajetória de Antônio Manoel de Carvalho Neto e sua atuação no campo jurídico e político.

Os estudos mencionados colaboraram para elucidar algumas questões que se tornam pertinentes à construção da escrita na perspectiva da micro-história, de modo que as leituras realizadas de cunho biográfico, ou não, toaram como nortes para direcionar-me em busca da organização das ideias e aprimoramento desta narrativa, porquanto que, mesmo levando em consideração as especificidades de cada produção, o conjunto de leituras veio como modelos, que cooperam e direcionam o exercício da escrita. Além do que, as produções historiográficas são reveladoras de costumes e crenças, ou melhor, de características culturais de épocas específicas.

Nesse direcionamento, Carla Simone Chamon (2008) dedicou-se a investigar sobre a trajetória da professora Maria Guilhermina Loureiro de Andrade, que agiu na esfera educacional durante o final do século XIX e início do XX. A autora objetivou apontar o propósito da cooperação expressiva dessa professora para o desenvolvimento educacional brasileiro. Natural de Minas Gerais, Maria Guilhermina Loureiro de Andrade, durante a fase adulta, morou no Rio de Janeiro, onde manteve contato com imigrantes protestantes e, por essa ocasião, tornou-se membro dessa religião. Durante sua atuação docente, Maria Guilhermina Loureiro de Andrade teve a oportunidade de ir aos Estados Unidos para aprender os métodos de ensino norte-americanos; ao retornar ao Brasil, aplicou tais métodos nas escolas cariocas em que atuou.

O referido trabalho é de salutar colaboração para outros estudos no campo da História da Educação, por versar sobre diferentes assuntos, como: educação, trabalho docente, profissionalização feminina no século XIX, imigração, religião protestante e mediação de conhecimentos. Além da sistemática abordagem para evidenciar a ação individual, demonstra também a relação de interdependência. Outro destaque é a influência de grupos protestantes para a trajetória e experiência educacional que Guilhermina adquiriu e disseminou, de modo

que, impulsionada pelas ideias liberais e progressistas, ousou a não limitar-se somente aos ensinamentos mediados pelos imigrantes que manteve contato, mas foi em busca do conhecimento em viagem aos Estados Unidos.

No livro “Mozart, sociologia de um gênio”, Nobert Elias (1995) chama a atenção para algo bastante relevante, a propósito da relação entre a criatividade individual e as imposições características de uma sociedade que quer controlar o posicionamento particular. Nesse estudo, o autor enfatiza a dependência do indivíduo em relação ao meio social de que faz parte, tal como ocorreu com Mozart que, para se tornar reconhecido por suas habilidades musicais, era indispensável acolher as regras impostas por sua sociedade, de modo que tal submissão provocou a frustração da realização particular.

Do mesmo autor, há o livro “A sociedade dos indivíduos”, em que são apresentados conceitos acerca do que vem a ser indivíduo e sociedade; além de ressaltar a relação de dependência entre os mesmos. Para Nobert Elias (1994b), não existe sociedade sem indivíduo, ou indivíduo sem sociedade, pois o que está em jogo é a relação entre as pessoas e, desse modo, a relação de interdependência, num convívio entre a *rede*, entendida como um sistema de “fios isolados que ligam-se uns aos outros” (ELIAS, 1994b, p. 35), mas, que mesmo ao se unirem, seus agentes expressam maneiras diferentes de conceber ideias e de se expressarem.

De acordo com o explanado sobre leituras realizadas, este trabalho justifica-se pela insuficiência de estudos sobre impressos, livros e leitores protestantes na historiografia educacional brasileira e no campo de pesquisa em História da Educação. A BFBS, através de seus agentes e colportores, distribuiu impressos que constituíram um dos meios pedagógicos para forjar uma cultura protestante, assim como auxiliaram na implantação de instituições escolares no Brasil. Segundo Ester Nascimento (2004), os presbiterianos norte-americanos, a partir do ano de 1870, começaram a organizar muitas escolas no território brasileiro. Desse modo, buscaram intervir para além do domínio religioso, colaborando dessa forma para o desenvolvimento educacional do país.

Alguns questionamentos motivaram esta investigação, entre os quais: de que maneira Robert Reid Kalley foi propagador de um modelo religioso e educacional no Brasil? Quais foram as contribuições da sua ação para a educação brasileira?

Nesse sentido, busquei enveredar-me na tentativa de responder a essas questões, e a outras que possam surgir no decorrer deste trabalho.

Um dos procedimentos úteis na realização desta investigação é o método indiciário utilizado pelo italiano Carlo Ginzburg (2006), indicado a fim de auxiliar no desvelamento de

práticas culturais. De acordo com esse método, é necessário ao pesquisador atentar-se aos pormenores, a fim de não se preocupar com o que pode parecer banal, e com o não comum da trama histórica, possíveis de serem reveladores sobre os fatos ocorridos.

O exercício da investigação histórica permite ao pesquisador navegar no passado e, por vezes, até “vivenciá-lo”, possibilitando certa “intimidade” com o personagem ou objeto investigado. A arte historiográfica admite desenvolver um trabalho de montagem e desmontagem a partir da coleta de dados realizada na busca de dar representatividade a uma possível verdade de acontecimentos passados. Afinal, como alegou Robert Darnton (2005, p. 199) “o historiador sabe, mas imperfeitamente, por meio de documentos obscuros, e com a ajuda da insolência, brincando de ser Deus”.

Nesse sentido, este estudo desenvolve-se num processo de descoberta e de construções por meio da análise dos documentos examinados que, aos poucos, provocaram indagações e constatações acerca da problemática evidenciada. O anseio de apreender os fatos e o cruzamento das leituras realizadas permitiu-me elaborar questões norteadoras acerca do objeto investigado, assim como levantar as hipóteses de que: Robert Reid Kalley foi um dos precursores a contribuir para a definitiva inserção do Protestantismo missionário no Brasil do século XIX, como também a de que ele contribuiu para o desenvolvimento educacional, através da organização de espaços educativos e da ampla difusão de impressos protestantes.

Vale destacar que, para uma ação adquirir força, principalmente uma ação protestante em países de preceitos católicos como o eram Portugal e Brasil no século XIX, o trabalho de Robert Reid Kalley não se sustentaria se não houvesse o apoio de seus colaboradores, como a sua esposa, amigos, colportores e membros da BFBS.

Não obstante, este estudo configura-se para além da abordagem biográfica; desse modo, intenta-se, entre outros aspectos, “resolver um problema, a saber, o problema da relação entre o indivíduo e o grupo, entre a iniciativa pessoal e a necessidade social” (FEBVRE *apud* BURKE, 1997, p. 32).

É certo que ações semelhantes foram executadas no Brasil antes da atuação de Robert Reid Kalley, a exemplo do metodista norte-americano Daniel Parish Kidder, correspondente da BFBS, que desempenhou importante papel no trabalho de difusão de Bíblias durante a década de 30 do século XIX; como também, o agente James Cooley Fletcher da Sociedade Bíblica Americana (ABS) que operou entre os anos de 1850 a 1860. A partir da década de 60, igualmente, destaca-se a ação do presbiteriano Ashbel Green Simonton, fundador do jornal “A Imprensa Evangélica” e da primeira igreja presbiteriana brasileira, organizada na

Província de São Paulo. Ashbel Green Simonton contou com a parceria do cunhado Alexander Lattimer Blackford, também presbiteriano.

Esses religiosos perceberam, na educação, uma forte aliada para difundir a religião protestante, permitindo que as pessoas tivessem acesso à palavra impressa, através das publicações em jornais e da circulação dos impressos protestantes. Posteriormente, no caso do trabalho de Daniel Parish Kidder e de Robert Reid Kalley, mediante a organização de espaços educacionais e, de igual modo, por meio da liberação de livros religiosos para serem utilizados como material didático em escolas da rede pública do Rio de Janeiro.

Durante a realização desta pesquisa, o meu percurso se deu precisamente na tentativa de recuperar vestígios, amparada pelos escritos preservados sobre Robert Reid Kalley, propondo-me a oferecer uma narrativa, cuja seleção foi considerada relevante para abordar sobre a trajetória deste personagem, dentre outros indivíduos da história.

Este trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro, pretendo apresentar os percursos iniciais da trajetória de vida e profissão de Robert Reid Kalley, buscando apontar aspectos referentes à família, à instrução, à atividade medica e missionária. A parti disso, apresenta-se as principais atividades desempenhadas por ele como médico, evangelista e educador na Ilha da Madeira em Portugal, versando sobre algumas das dificuldades enfrentadas naquela região, tais como: as perseguições, agressões físicas e verbais.

No segundo capítulo, a abordagem é direcionada para a atuação de Robert Reid Kalley no Brasil durante a segunda metade do século XIX. Para tanto, inicialmente, destaco algumas das características sobre a situação do Catolicismo e a inserção do Protestantismo no país, dando ênfase aos embates travados entre seus agentes. Busco também destacar as principais atividades desempenhadas por Robert Reid Kalley e consequentemente as dificuldades enfrentadas na disputa pelo campo religioso.

No terceiro e último capítulo, trato a respeito da atuação educacional desempenhada por Robert Reid Kalley no Brasil, enfatizando, no primeiro momento, alguns aspectos referentes ao cenário educacional do século XIX e, posteriormente, abordo sobre a inserção desse missionário e educador no campo educacional brasileiro, através da organização de espaços educacionais, como a Escola Dominical e a Escola Primária, assim como, por meio da divulgação de impressos religiosos, que serviram como importante instrumento de trabalho. Ainda neste capítulo destaco a coparticipação de Sarah Pouton Kalley no projeto evangelizador desempenhado no país, apresentando-a como escritora, educadora e evangelista.

A realização deste trabalho teve por objetivo colaborar com as pesquisas em História da Educação Brasileira, cuja finalidade é a de reduzir algumas das lacunas existentes no campo da historiografia educacional e cultural brasileira.

CAPÍTULO 1. ROBERT REID KALLEY: MÉDICO, MISSIONÁRIO E EDUCADOR

Investigar sobre a atuação de um indivíduo, considerado como “um elo nas cadeias que ligam outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indiretamente, são elos nas cadeias que a prendem” (ELIAS, 1994b, p. 23), exige executar uma análise habilidosa, tendendo a considerar as representações de uma cultura peculiar. Para tanto, faz-se necessário compreendê-la em sua estranheza e originalidade sobre as várias formas de pensar e agir de uma sociedade, uma vez que, de acordo com Roger Chartier,

A biografia intelectual à maneira de Febvre é, de fato, a história da sociedade, atendendo a que situa os seus heróis simultaneamente como testemunhas e produtos dos condicionamentos coletivos que limitam a livre invenção individual. [...] a uma história dos sistemas de crenças, de valores e de representações próprios de uma época ou de um grupo, [...] história das mentalidades (CHARTIER, 1990, p. 39).

Nessa perspectiva, o empenho empregado por Robert Reid Kalley, no intuito de forjar hábitos e tradições das ideias protestantes, teve amplo espaço através da circulação de impressos, os quais contribuíram significativamente no contexto histórico da conformação de uma cultura protestante em países católicos, resistindo aos impasses provocados pelos opositores da religião protestante. Dessa forma, portugueses e brasileiros, além de imigrantes de diferentes países que estiveram em Portugal e no Brasil, tornaram-se adeptos ao Protestantismo, no século XIX.

Robert Reid Kalley empregou criatividade e inovação, preocupou-se em disponibilizar para a população brasileira a Bíblia traduzida, utilizando-a para evangelizar e alfabetizar as pessoas, agindo como um articulador e intelectual. Segundo Jean François Sirinelli (1996, p. 242), há “duas acepções do intelectual, uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os ‘mediadores’ culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento”. Assim posto, ao apelar para as acepções apontadas por Sirinelli, entendo que Robert Reid Kalley defendeu e representou uma cultura religiosa da qual fez parte, operando não somente como mediador, munido do conhecimento apreendido por seus precursores e valido de suas

experiências, mas também como criador, na perspectiva de inovação e revolução na história religiosa em Portugal e no Brasil, onde atuou¹.

Dentre os colaboradores do projeto de Robert Reid Kalley, destacou-se Sarah Pouton Kalley, os colportores, correspondentes da BFBS e políticos, que de maneiras diferentes estiveram envolvidos na ação de um indivíduo mentor.

Líder de um grupo religioso, Robert Reid Kalley esteve à frente das decisões e ações no campo da atuação missionária, fomentando uniões entre nativos e estrangeiros para consolidar a reforma religiosa do Brasil do Oitocentos.

As relações sociais estabelecidas por Robert Reid Kalley durante a atuação missionária em Portugal e posteriormente no Brasil configurou-se em diferentes eventos que envolveram a ação individual e coletiva.

Para autores como Peter Burke e Nobert Elias, a História e a Sociologia são áreas do conhecimento que devem amparar-se uma a outra, a partir da assertiva de que a “teoria social deve ser interpretada como uma expressão que inclui teoria cultural” (BURKE, 2002, p. 9). Considerando-se tal pressuposto, é possível ratificar que, se a relação social compete ao campo da Sociologia, a mesma não escapa da relação histórica, nem mesmo do fazer historiográfico.

Ao tratar sobre configuração social ou *figuração*, Elias (2001, p. 51) destacou que:

A tarefa da sociologia é trazer para o primeiro plano justamente aquilo que costuma aparecer na pesquisa histórica como segundo plano desestruturado, tornando tais fenômenos acessíveis a investigação científica como o nexo estruturado dos indivíduos e de seus atos. Nessa mudança de perspectiva, os homens singulares não perdem, como às vezes tendemos a considerar, o seu caráter e valor enquanto homens singulares. Porém eles não aparecem mais como indivíduos isolados, cada um independente dos demais, existindo por si mesmo. Não são mais vistos como sistemas totalmente fechados e vedados, cada um contendo o esclarecimento final acerca de um ou outro evento histórico, constituindo um começo absoluto. Na análise das figurações, os indivíduos singulares são apresentados da maneira como podem ser observados: como sistemas próprios, abertos, orientados para a reciprocidade, ligados por interdependências dos mais diversos tipos e que formam entre si figurações específicas, em virtude de suas independências.

Conforme Elias (2001), os indivíduos não são seres isolados; eles vivem em conjunto e são dependentes da relação entre seus pares. Sendo assim, pode-se pensar acerca das

¹ Não foi possível identificar como e onde Robert Reid Kalley aprendeu a língua portuguesa; mas, é provável que tenha adquirido essa habilidade durante o período em que esteve com os portugueses; e, além disso, as Bíblias “protestantes” eram escritas e publicadas em vernáculo.

relações interpessoais travadas pelo missionário Robert Reid Kalley, que certamente tiveram fundamental importância para alcançar bons resultados de sua ação missionária em países predominantemente católicos.

Após analisar as cartas que circularam entre Robert Reid Kalley e seus colaboradores, tornou-se possível levantar nomes de alguns personagens notórios que fizeram parte da configuração social em que Robert Reid Kalley esteve inserido.

No período em que esteve no Brasil, por exemplo, ele estabeleceu amizade com o imperador D. Pedro II, de quem recebeu visitas enquanto esteve doente, além do imperador, conservou amizade com o renomado cientista suíço, Louis Agassiz; com o Sr. Ackerblom, ministro representante da Suécia; e com o general pernambucano, José Inácio Abreu e Lima, pessoas notáveis, que estiveram envolvidos em atividades intelectuais e políticas do país, em meados do século XIX.

1.1 Por uma história do médico e intelectual Robert Reid Kalley

Nascido em Mount Flórida na Escócia, em 8 de setembro de 1809, filho de Robert Kalley, um negociante bem sucedido de Glasgow e de Jane Reid Kalley, que eram protestantes filiados à Igreja Presbiteriana do Estado, e dessa união nasceram Jane Dow Kalley, filha mais velha do casal, e Robert Reid Kalley. Todavia seu pai tinha outra filha, Jessie Macredie Kalley fruto do primeiro casamento.

Com apenas um ano de idade, Robert Reid Kalley tornou-se órfão de pai. Decorrido alguns anos, sua mãe casou-se novamente, e no ano de 1815, também faleceu. Diante do ocorrido, as crianças ficaram sob os cuidados do padrasto David Kay, que se tornou responsável pela educação dos menores.

A trajetória escolar de Robert Reid Kalley teve início na Rennie's School, e posteriormente na Glasgow Grammar School. Em 1825, aos dezesseis anos de idade, ingressou na Universidade de Glasgow, onde se formou como cirurgião e farmacêutico. Dando prosseguimento a jornada acadêmica, retomou os estudos para obter o título de doutor em medicina pela mesma universidade, tendo, dessa forma, concluído seus estudos no ano de 1838.

Como profissional, para desenvolver suas atividades médicas em Portugal, foi preciso defender uma tese na Faculdade de Medicina de Lisboa (OLIVEIRA, 2006). Repetiu seus

esforços, vinte anos mais tarde, pela Universidade de Medicina do Rio de Janeiro, no Brasil, submetendo-se a exames necessários para obter a licença médica em ambos os países.

De acordo com William Forsyth (2006), Robert Reid Kalley era um homem que, aos 37 anos de idade, era careca, tinha costeletas, media 1,77cm, e tinha o hábito de usar roupas pretas.



Figura 1: Fotografia de Robert Reid Kalley

Fonte: Disponível em:

<http://www.google.com.br/images?hl=ptbr&source=hp&biw=1276&bih=823&q=robert+reid+kalley&gbv=2&aq=f&aqi=g1&aql=&oq> Acesso em 07/03/2011 às 16h:41min.

Oriundo de família protestante, seus familiares apostavam em sua carreira ministerial cristã. Porém, esse desejo foi inicialmente frustrado, pois, ainda criança, durante a fase escolar, alguns de seus professores ensinaram-lhe algo que o marcaria por um longo período de sua vida – a ideia de “que era uma vergonha ter medo de espíritos [...] e de fantasmas, porque espíritos e fantasmas eram meras invenções” (ROCHA, 1946, p. 91)². Esta orientação o induziu certamente a não pertencer a qualquer grupo religioso até meados dos anos 30 do Oitocentos.

Atuando como médico em navios, teve a oportunidade de conhecer outros lugares, e até mesmo outros países. Em 1837, em uma dessas viagens a trabalho, Robert Reid Kalley conheceu a Ilha da Madeira, colônia portuguesa.

Ainda jovem, sua carreira como médico possibilitou-lhe a abertura de uma ação missionária. Ao prestar atendimento a uma senhora bastante debilitada, vítima de uma doença crônica, impressionou-se ao encontrar a paciente confiante e fiel à sua religião. Ela sempre tinha em mãos uma Bíblia Sagrada.

Essa situação o inquietou de tal forma, que o levou a procurar entender o poder que teria aquele livro, a Bíblia, diante daquela situação. A partir desse testemunho, uma nova perspectiva de vida faria sentido no cotidiano de Robert Reid Kalley – tornou-se, então, um cristão protestante até os últimos dias de sua vida, tendo inicialmente ingressado na Igreja Livre da Escócia. Além disso, sua missão foi além do assentimento de cristão. Logo, iniciou o ato de colaboração educativa, ensinando a garotos pobres por meio da leitura bíblica.

Robert Reid Kalley, em 1837, tinha planos de partir em direção à China, para desenvolver trabalho missionário com o apoio da Sociedade Missionária de Londres. Naquela ocasião, apresentou uma carta à sociedade, em que demonstrava o seu interesse, tendo sido aprovado, após ter realizado algumas viagens a Londres, onde participou de entrevistas. Então:

Vendeu sua casa e sua clínica em Kilmarnock para o Dr. Miller, seu futuro cunhado, e matriculou-se na Glasgow University para completar seus estudos de acordo com os desejos da sociedade. Dr. Miller, que se casou com Jane Kalley, encarregou-se de continuar com as aulas aos garotos pobres de Kilmarnock (FORSYTH, 2006, p. 21).

² Todas as citações utilizadas neste trabalho referente aos livros “Lembranças do Passado”, foram adaptadas conforme o novo acordo ortográfico.

Robert Reid Kalley preocupou-se não somente em desenvolver sua profissão médica, mas, sobretudo, buscou outros meios para tornar-se um homem público – como, por exemplo, suas atividades de instruir os pobres, ação astuta, por prestar serviços sociais, sendo assíduo em sua atuação.

A viagem para a China não aconteceu, pois seu compromisso de noivado com Margareth Crawford de Paisley³ o impediu de seguir, uma vez que a sociedade de Londres pretendia enviá-lo ainda solteiro para dedicar-se somente à missão.



Figura 2: Fotografia de Margareth Crawford Kalley (à direita), e sua irmã Elizabeth Crawford de Paisley.

Fonte: Disponível em: <http://www.robertreidkalley.xpg.com.br/html/fotos.htm> Acesso em 15/06/2011 às 15h:42min.

³ Não foi possível obter maiores informações sobre Margareth Crawford Kalley.

Mais adiante, o conhecimento da língua portuguesa permitiu a Robert Reid Kalley agir em Portugal e no Brasil. Em ambos os países, colaborou desempenhando atividades nas esferas da religião, educação e saúde. Portugal se tornou a primeira nação onde executaria suas habilidades de ação missionária, emanando suas tarefas entre os anos de 1838 a 1846.

1.2 A Medicina e a missão religiosa na Ilha da Madeira: entre conquistas e embates

Em 1831, enquanto desenvolvia atividades médicas em navios, Robert Reid Kalley conheceu o lugar onde registraria parte da sua história missionária, a Ilha da Madeira, em Portugal. Sete anos mais tarde, retornou à Ilha, no mesmo ano em que se casou com Margareth Crawford Kalley. Ali passaram a viver em Funchal, por ser um lugar de clima quente, favorável para a recuperação do estado de saúde de sua esposa que estava com pneumonia.

Nesse país, suas atividades foram difíceis de execução, visto que a população católica reagiu severamente.

As autoridades sucessivamente ordenaram o fechamento das escolas evangélicas, proibiram o Dr. Kalley de exercer a medicina e de realizar cultos domésticos, [...] houve um grande esforço no sentido de suprimir o movimento evangélico, do qual resultou a prisão de muitos crentes sob acusações de apostasia, heresia e blasfêmia [...]. Foram terminalmente proibidas a posse e a leitura da Bíblia, embora a versão distribuída fosse a do padre Antônio Pereira de Figueiredo (MATOS, 2003, p. 14).

Em contrapartida, as atitudes adotadas por Robert Reid Kalley não agradaram a muitos madeirenses membros de grupos católicos. As casas dos novos protestantes tornaram-se alvo de ataques, eram apedrejadas pela população católica, sendo que, para controlar as desordens, era necessária a presença da polícia para impedir maiores complicações.

Na Ilha da Madeira, Robert Reid Kalley teve o apoio do pastor William Hepburn Hewitson. Juntos, organizaram a primeira igreja presbiteriana portuguesa da região. Publicou folhetos de propaganda religiosa, realizou reuniões domésticas. Atitudes como estas elevavam a preocupação da população católica, a qual buscou impedir essas atividades, reagindo e confrontando-se com os adeptos da nova religião.

Colonizada por portugueses, a Ilha da Madeira viveu por muito tempo sob os costumes religiosos da Igreja Católica. O espanhol Vicente Gómez y Tojar, membro da Sociedade

Missionária Européia, foi o responsável a dar início à congregação de comunidade anglicana, um ano antes da chegada de Robert Reid Kalley à ilha.

A respeito da atuação de Robert Reid Kalley em Portugal, declarou o português José António Martin Moreno Afonso:

Deu início a um movimento filantrópico, assistencial e alfabetizador, que, em breve, lhe permitiu dar curso à sua vocação missionária como pastor da Igreja Livre da Escócia, ramo presbiteriano. Habilitou professores, fundou 17 escolas elementares – com ensino infantil (diurno) e ensino para adultos (noturno), pelas quais, entre 1839 e 1845, passaram mais de 2.500 alunos (AFONSO, 2009, p. 23).

Motivos como a pobreza e o analfabetismo foram fatores que levaram Robert Reid Kalley a agir de tal maneira. Entre os estrangeiros que viveram na Ilha da Madeira durante a estada de Kalley, muitos eram escoceses⁴, assim como ele.

A imigração conveyeu como apoio a possíveis mudanças na qualidade de vida da população madeirense. As ações de Robert Reid Kalley em intervir para o desenvolvimento social levou-o a operar na esfera religiosa e educacional. Ele utilizou recursos próprios para fundar escolas gratuitas; além disso, colaborou para que diversas pessoas tivessem acesso à leitura, por meio dos impressos religiosos que circularam.

Suas iniciativas num país estrangeiro demonstram que Robert Reid Kalley foi um homem que buscou intervir de maneira ousada, e não se limitou somente à evangelização, empenhando-se no meio educacional, ação que possibilitou a concretização de seus objetivos religiosos, instituindo espaços de aprendizagens e educando as pessoas através do ensinamento bíblico.

Entre as diversas atividades desenvolvidas por Robert Reid Kalley, além de organizar escolas, instalou sua segunda clínica, sendo que a primeira havia funcionado na Escócia. A clínica estabelecida na Ilha da Madeira “foi ampliada para um ‘hospital caseiro’ com doze leitos. Ele rapidamente ganhou fama como médico da ilha, tendo como paciente até mesmo o bispo da Igreja Católica Romana. Tratava a todos, ricos e pobres” (FORSYTH, 2006, p. 39). Costumava falar sobre o evangelho com os seus pacientes, sendo, dessa forma, mais um meio de propagar o Protestantismo.

⁴ De acordo com Alderir de Souza Matos (2003, p. 12), esses imigrantes estavam envolvidos com a indústria de vinho.

As áreas em que buscou intervir, a saber, religião, saúde, e educação, e suas colaborações para o desenvolvimento social das comunidades de que fez parte, levou-me a compreendê-lo como um indivíduo de atitudes táticas.

A tática é a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. A tática não tem por lugar se não o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. [...] é um movimento dentro do campo de visão do inimigo (CERTEAU, 1994, p, 100).

Em meio a um lugar próprio do outro, Robert Reid Kalley teve que operar de forma tática para alcançar seus objetivos, num terreno de eminente controle de opositores, os católicos. Entretanto, suas intervenções deveriam ser calculadas, a fim de manter-se numa posição, como enfatizou Pierre Bourdieu (2003)⁵, por vezes recuada do campo de disputa, da perseguição.

Os madeirenses que se declararam adeptos à nova religião apresentada pelo escocês perseguido também foram coagidos, de forma que aqueles que não se confessassem católicos teriam que abandonar a Ilha onde viviam, para escapar da rejeição. Muitos fugiram para Illinois, nos Estados Unidos da América, em busca de liberdade religiosa, onde Robert Reid Kalley morou por um ano, em meio aos crentes madeirenses.

As manifestações e os embates ocorridos na Ilha da Madeira levaram à prisão de Robert Reid Kalley por seis meses, no ano de 1843. Além disso, foi impedido de exercer suas atividades de médico e missionário, suas escolas foram fechadas e, em 1846, viu-se obrigado a deixar o território português, para salvar a si e a sua família, fugindo disfarçadamente como uma mulher doente, sendo carregado por dois homens em uma rede para não ser identificado.

Com a morte de Margareth Crawford Kalley, no ano de 1851, Robert Reid Kalley conheceu, durante uma viagem realizada para o Egito, a inglesa Sarah Pouton Wilson. O encontro ocorreu na ocasião em que prestava atendimento médico ao seu irmão. Esse encontro resultou em matrimônio, o qual ocorreu no mesmo ano em que se conheceram.

⁵ O conceito de campo está apresentado na página 67 deste trabalho.



Figura 3: Fotografia de Sarah Pouton Kalley

Fonte: Disponível em:

<http://www.google.com.br/images?hl=ptbr&biw=1276&bih=823&gbv=2&tbs=isch%3A1&sa=1&q=sarah+kalley&aq=f&aqi=g10&aql=&oq>

Acesso em 07/03/2011 às 16h:43min

Sarah Pouton Kalley tornou-se uma esposa dedicada, auxiliando o marido de forma expressiva em sua trajetória missionária. Trabalharam juntos, desenvolvendo atividades civilizatórias, auxiliando-o, entre outras tarefas, no exercício da leitura e da escrita e, através disso, colaboraram com o aprimoramento dos saberes religiosos das pessoas, possibilitando que tivessem acesso a leitura de impressos religiosos em vernáculo, vendendo-os por um menor custo, a fim de ampliar o número de novos cristãos.

Tanto em Portugal como no Brasil, Robert Reid Kalley procurou aplicar táticas, no Brasil, por exemplo, ele organizou cultos domésticos para driblar a Constituição Brasileira de

1824, que proibia a edificação de prédios com forma exterior de templo⁶. Em virtude disso, possibilitou a prática de culto em sua própria residência, que, inicialmente, ocorria em pequenos grupos; posteriormente, o quantitativo de fieis aumentou significativamente surgindo, assim, a necessidade de ocupar outros espaços, o que resultou na prática de utilizar casas de crentes e, depois, as residências foram substituídas por locais alugados e mantidos por eles mesmos.

⁶ Revelado no Art. 5. “A Religião Catholica Apostolica Romana continuará a ser a Religião do Imperio. Todas as outras Religiões serão permitidas com seu culto domestico, ou particular em casas para isso destinadas, sem fórma alguma exterior do Templo”.
Disponível em: www.lyspedia.com/index.php?...article...1824 Acesso em 02/07/2011 às 15:03h.

CAPÍTULO 2 UM MISSIONÁRIO COMO INTELECTUAL DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

2.1 Protestantismo e o desenvolvimento missionário no Brasil, a partir da segunda metade do século XIX

A Igreja Católica se firmou por mais de três séculos como a religião oficial do Brasil. Com o apoio do Estado, envolveu-se, por muitos anos, com as questões educacionais do país e, como tinha o interesse de manter-se no poder, negava a laicização da educação. Acerca deste aspecto, Nascimento (1999) assegura que:

A questão pedagógica tencionou frequentemente a sociedade brasileira, chegando a ser um dos pontos nodais da Questão Religiosa e provocando diversos protestos contra o domínio da escola pela Igreja Católica, num quadro em que a instituição escolar era vista doutrinamente como um eficiente instrumento de controle do conhecimento. Os que defendiam as posições da ciência moderna se opunham ao doutrinamento moral da Igreja através da escola (NASCIMENTO, J., 1999, p. 292).

Embora o Catolicismo tenha se configurado como a religião predominante entre os brasileiros, Laurence Hallewell (1985), afirmou que, por volta do século XVIII, a Igreja Católica começou a perder o apoio do Estado. No entanto, os fiéis permaneciam estáveis, e expulsavam os imigrantes protestantes que chegavam ao país, assim como ocorreu com os metodistas na primeira metade do século XIX.

Por volta da segunda metade do século XIX, Carvalho (2003, p. 336) ratifica que grupos isolados, entre os quais: liberais, maçons, positivistas, republicanos e protestantes norte-americanos, puseram:

Em circulação novos modelos pedagógicos, fundando escolas, difundindo-as pela imprensa e trazendo-as para o debate parlamentar. A *Propaganda Republicana* amplia e qualifica a difusão desses modelos, alardeando a indissociabilidade do trinômio *Educação, República e Cidadania* (CARVALHO, 2003, p. 336).

Diante dos aspectos evidenciados, é válida a afirmação de que, durante quase todo o Oitocentos, o Brasil foi palco de diversas disputas e transformações na esfera religiosa entre grupos católicos e protestantes, constituindo, à época, uma disputa de campo. Nesse sentido, tornou-se indispensável recorrer às acepções apresentadas por Bourdieu (2003), para melhor

compreender esse fenômeno social e perceber como se configuraram as relações entre poder e dependência em que Robert Reid Kalley viveu no Brasil.

A fim de melhor discutir a permanência deste missionário no país, válido se faz discorrer, primeiramente, acerca de estudos sobre as primeiras incursões protestantes no Brasil. No livro “Os bandeirantes da Reforma”, Caleb Soares (2006) afirma que foram os huguenotes, imigrantes franceses, os pioneiros da ação protestante no Brasil, os quais chegaram em 1557⁷; por conseguinte, tal intervenção foi interrompida em virtude da injúria católica, tendo em vista que “as águas da então famosa Baía de Guanabara ficaram avermelhadas com o sangue de mártires huguenotes que pagaram com a vida o testemunho de fé” (SOARES, 2006, p. 10).

De acordo com Nascimento, E. (2004), outro grupo de protestantes, dessa vez, holandês⁸, esteve em solo brasileiro no século XVII. Em sua estada no país, objetivaram:

Conquistar e colonizar o Brasil português sob o patrocínio da Companhia das Índias Ocidentais. Posteriormente ao ataque à Bahia de São Salvador em 1624, [...], eles conquistaram e se estalaram em Pernambuco, estendendo depois seus domínios para o resto do Nordeste por vinte e quatro anos (1630-1654) (NASCIMENTO, E., 2004, p. 49).

Durante a primeira metade do século XIX, imigrantes protestantes voltaram a ocupar o território brasileiro; no entanto, diferentemente da ação de Robert Reid Kalley, os protestantes que o antecederam, não se envolveram em atividades de cunho missionário. Os movimentos dos protestantes em solo brasileiro podem ser compreendidos a partir de dois períodos: o primeiro denominou-se Protestantismo de imigração; o segundo, por sua vez, ficou conhecido por Protestantismo missionário, que corresponde ao momento a partir da segunda metade do século XIX.

Embora tenha-se conhecimento de outros indivíduos que agiram antes mesmo da atuação de Robert Reid Kalley, uma das finalidades deste trabalho é demonstrar que ele foi um dos precursores da evangelização protestante em língua vernácula— tanto em Portugal, quanto no Brasil. No caso brasileiro, especificamente:

Até meados do século XIX, a presença dos protestantes no Brasil estava praticamente restrita a estrangeiros europeus, constituindo-se em

⁷ Sobre essa iniciativa, ver Rocha (1941, p. 13); Ribeiro (1973); Nascimento, J. (1999, p. 84 e 283) e Nascimento, E. (2004, p. 45).

⁸ Segundo Ribeiro (1973, p. 15), os holandeses deixaram o país sem ter organizado qualquer igreja reformada.

comunidades fechadas, onde se prestava assistência religiosa a grupos de imigrantes, na maioria suíços e alemães. Era o chamado protestantismo de imigração, ou protestantismo de colônia, que teve entrada no Brasil com os tratados estabelecidos a partir de 1808, com a vinda da família real, que abria o país as nações amigas. Esses grupos – anglicanos (a partir de 1808) e luteranos (a partir de 1824) – não se empenhavam em atividades missionárias, não se preocupando em fazer adeptos para a fé reformada entre os brasileiros (CHAMON, 2008, p. 45).

Émile G. Léonard, através do livro “O Protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social” (1963) admitiu a importância de se conhecer fatos que marcaram as primeiras irrupções do movimento protestante no Brasil. Ao destacar a respeito da cooperação de Daniel Paris hKidder, expôs que:

Os mais solícitos fregueses de Kidder, e talvez os mais sérios [...] foram os educadores que viam, nessas distribuições, um meio de obter gratuitamente livros de leituras para seus alunos. Um padre, que possuía uma escola primária na Vila Paranaguá, pediu-lhe 40 ou 50 exemplares; foram pedidos também 20 para a Escola Normal do Rio, 50 para a de Niterói, 18 para Ubatuba. Vemos aqui, aliás, simples continuação de um velho hábito: todas as crianças, de todos os países, nessa época, aprendiam a ler e aperfeiçoavam seus conhecimentos nos textos religiosos. Foi assim de Kidder encontrou em São Paulo uma escola lancasteriana, que utilizava para a leitura, cartões onde havia versículos da Escritura [...]. Pensando aproveitar-se dessas disposições favoráveis, Kidder propôs à Assembleia Legislativa Paulista, em carta de 15 de fevereiro de 1839, doar a cada escola da província doze exemplares do Novo Testamento, edição de Figueiredo (LÉONARD, 1963, p. 43– 44).

A partir da década de 50 do século XIX, as navegações se intensificaram no Brasil, a expansão territorial e as riquezas naturais impressionavam os que chegavam ao país. O comércio de exportação e importação movimentou-se principalmente por meio dos grandes portos da época, como o Rio de Janeiro e Pernambuco, províncias que se tornaram responsáveis por grande parte do comércio movimentado no país,

O Segundo Império brasileiro (1840-1889) foi decisivo para a configuração de novas territorialidades no Brasil, com o aumento progressivo de novas tecnologias, de novos produtos industrializados, e da emergência de novas práticas socioculturais. O tráfico de “boas maneiras” e de “boas influências” foi intenso, principalmente através de leitores, viajantes e comerciantes ingleses e franceses. A geografia do Brasil seduzia sujeitos dos mais diversos países, que vinham para cá com o objetivo de trabalhar, comercializar, fazer missões, conhecer os trópicos, dentre outros (BURITI, 2011, p. 15).

Nesse período, protestantes de diferentes nacionalidades chegavam ao país, e observavam que havia uma carência do conhecimento bíblico entre os habitantes. Dessa forma, passaram a fazer uso da Bíblia, para possibilitar que as pessoas tivessem acesso ao livro sagrado, assim também o fez Robert Reid Kalley. Contudo, católicos protestavam e se apresentavam em oposição ao novo modelo religioso e adotaram medidas diversas para impedir a intensificação do Protestantismo em um país que, à época, era eminentemente representado pela religião católica. Diante disso, reformadores protestantes enfrentaram obstáculos diversos em território brasileiro.

Em carta enviada para a tia Lydia Morley, Sarah Pouton Kalley relata sobre as dificuldades enfrentadas durante a viagem realizada a Nova Friburgo:

Atravessávamos a baía num vaporzinho que levava muitos passageiros. Ao chegar ao ponto de desembarque, tomamos uma carruagem miserável puxada por um cavalo velho e uma mula em estado lastimável, cavalgada por um preto que chicoteava os pobres animais obrigando-os a andar por caminhos lamacentos e esburacados. De modo que, admirei-me em chegarmos ao destino, sem quebrar os ossos! Neste último ponto tomamos um trem que gastou duas horas para concluir uma distância de 25 km, com destino a Cachoeira, uma vila próxima a montanha... (ROCHA, 1944, p. 87).

Nas reuniões de cultos domésticos, por exemplo, as casas dos crentes eram frequentemente apedrejadas, sendo necessário o controle das forças policiais para evitar maiores danos materiais e corporais. Houve ocasiões em que o casal Kalley, assim como outros evangélicos, necessitaram da proteção policial para deixarem as reuniões e se deslocarem pelas ruas, devido a perseguição.

Em 19 de novembro de 1864, o jornal carioca “Correio Mercantil” divulgou uma nota em que versava sobre a perseguição de católicos a protestantes que se reuniam em cultos evangélicos. O texto discorria da seguinte forma:

Foi preciso uma escolta extraordinária para que esse padre pudesse chegar incólume ao embarque, visto que era perseguido ao som de “morras e vivas”. Em um país onde a liberdade de cultos é garantida pela Constituição, é triste que se deem tais fatos (ROCHA, 1941, p. 332).

Na citação acima, o termo “padre” é apontado à Kalley. Em províncias como Pernambuco, Rio de Janeiro e Bahia, publicações em jornais circulavam como demonstração de fúria da população católica, visto que o impresso girou como um mecanismo difusor de opiniões.

Em maio de 1859, o subdelegado da cidade de Petrópolis proibiu Robert Reid Kalley de exercer a profissão médica, a fim de impedi-lo de manter contato com a população e evitar que realizasse seu interesse de evangelizar. No mesmo ano, os inimigos incentivaram o presidente daquela província, o Sr. Paranhos, para que ele se dirigisse à Legação Britânica e protestasse contra a ação do missionário escocês. Diante da ocorrência, Robert Reid Kalley elaborou onze quesitos de defesa e apresentou-os aos dirigentes do Governo, Dr. Nabuco, Dr. Urbano S. Pessoa de Melo e Dr. Caetano Alberto Soares, com o propósito de proteger-se; na ocasião, demonstrou seus conhecimentos acerca dos direitos do cidadão, apontando que:

Os cidadãos brasileiros adultos têm ou não têm liberdade perfeita de seguir a religião que quiserem? [...] Será criminoso aquele que nesse caso aconselhar o cidadão brasileiro a adaptar uma religião que não seja a do Estado? [...] É lícito aos estrangeiros seguir o seu culto doméstico em suas casas particulares? [...] Um estrangeiro pode ser obrigado a sair do sítio onde mora, ou ser deportado do país a vontade do governo, sem culpa formada? (ROCHA, 1941, p. 95).

Apesar de a medida ter sido adotada para resolver o problema com representantes do Governo brasileiro, houve também, a necessidade de oferecer explicações ao Governo Britânico. Desse modo, em julho de 1862, quase três anos mais tarde, Robert Reid Kalley encaminhou uma carta a William Stuart representante da Legação Britânica, em que dizia:

Quanto a minha *propaganda*: - Desde que fiquei convencido de que a Bíblia contém a revelação divina, tenho tido por costume guardar exemplares dela, na língua do país onde moro, para colocá-los, quando se oferece ocasião, nas mãos daqueles com quem tenho relações. A única Bíblia que tenho posto nas mãos dos brasileiros é a tradução católica romana do padre Antonio Pereira de Figueiredo. A sua Excelência, o Sr. Ministro de Negócios Estrangeiros, há de ser quase impossível considerar a circulação da Bíblia Romana, como *prova* de propaganda protestante (ROCHA, 1941, p. 98).

Como agente da BFBS, Robert Reid Kalley articulou o trabalho de propaganda, dividindo estrategicamente os colportores em algumas regiões do Brasil. Após o levantamento dos dados, tornou-se possível constatar que a ação missionária, assim como o trabalho de difusão de impressos, expandiu-se para outras localidades – além da Província do Rio de Janeiro e Pernambuco, operaram também na Bahia, Sergipe, Espírito Santo, São Paulo e Minas Gerais.

Na Bahia, encontrava-se o colportor Tomaz Gallart, que trabalhou para Richard Holden e posteriormente para Alexander Latimer Blackford. No ano de 1862, Tomaz Gallart

escreveu uma carta para o colportor Francisco da Gama, que estava no Rio de Janeiro, relatando a situação encontrada naquela província:

Aqui os periódicos principiam a falar das Bíblias falsas. O arcebispo publicou ontem uma circular, no 'Jornal da Bahia' de 8 de agosto, foi publicado um aviso intitulado: 'Livros contra a religião' – Anda por aí um homem, há alguns dias, vendendo, pelas ruas, Bíblias falsas e livrinhos contra a Religião, os quais pela beleza da impressão, pelo pequeno formato e módico preço, são vendidos com muita facilidade (ROCHA, 1941, p. 187).

Nesse mesmo ano, na Bahia, após assistira um discurso de um padre sobre os impressos falsos, uma mulher questionou o que deveria ser feito com as duas Bíblias compradas aos vendedores de impressos protestantes. Como resposta, disseram-lhe que deveria queimá-las.

Em 1865, o colportor José Pereira de Souza Louro, que estava em Minas Gerais, enviou uma carta para Robert Reid Kalley, noticiando ter encontrado várias pessoas que haviam comprado, anos atrás, exemplares da Bíblia Sagrada ao Sr. Corfiel. Os fieis relataram terem sido obrigados por clérigos católicos a queimá-los, sob a justificativa de serem falsos. Por esse motivo, encontrava-se com dificuldades de realizar seu trabalho naquela região.

Naquele período, para comercializar os impressos, os vendedores ambulantes precisavam de uma licença para vender, pois, de outra forma enfrentariam implicações, entre as quais, insultos e até mesmo prisões.

Em Petrópolis, o colportor Manuel Fernandes foi preso por estar vendendo os impressos protestantes. Em Sergipe, ocorreu a prisão do colportor Torquato Martins Cardoso, libertado após a avaliação do material e pagamento de fiança, causando repercussões fora da Província, conforme relato a seguir:

Em 1867, o colportor português Torquato Martins foi preso pelo chefe de polícia provincial Antero de Assis e proibido de fazer qualquer venda em Sergipe. O incidente repercutiu fora da Província chegando até o Rio de Janeiro, onde foi denunciado o caso da intolerância religiosa no Jornal do Commercio, de 2 de abril do mesmo ano. Consta que o chefe de polícia tomou essa atitude em vista da opinião emitida pelo vigário de que os livros eram falsos. Como em Sergipe, as autoridades não haviam resolvido a questão sobre a legalidade e, conseqüentemente, a liberdade da venda de Bíblias, a questão foi levada ao Imperador e, posteriormente enviada uma determinação do Ministério da Justiça ao Presidente da Província de Sergipe (NASCIMENTO, E., 2004, p. 113).

Embates foram travados não somente para impedir a venda e circulação dos impressos protestantes, mas também pela proibição de casamentos e sepultamentos de protestantes em cemitérios públicos.

2.2 Atuação na Província do Rio de Janeiro: a conquista de uma proposta evangelizadora

Em 1855, o casal Kalley chegou ao Brasil a convite de R. Baird correspondente da Sociedade Bíblica Americana (ABS). O agente James Cooley Fletcher, que trabalhava com a divulgação dos impressos protestantes no Brasil desde o início da década de 50, remeteu uma carta ao seu superior, R. Baird, solicitando o envio de madeirenses para auxiliar no trabalho de propaganda evangélica no país, uma vez que a Constituição Brasileira não permitia a prática de cultos evangélicos em língua estrangeira. Baird, tendo conhecimento da ação de Robert Reid Kalley na Ilha da Madeira, enviou uma carta convidando-o para trabalhar no Brasil. Aceita a proposta, Robert Reid Kalley, juntamente com sua esposa, deram continuidade ao trabalho missionário iniciado em Portugal.

Vale destacar que, embora o convite tenha surgido por um correspondente da ABS, o trabalho desenvolvido por Robert Reid Kalley no Brasil contou com o apoio e financiamento da BFBS.

Ainda que o clima tropical predominasse no Brasil, e problemas como doenças endêmicas provocassem óbitos na época, conforme foram apresentado em algumas das cartas analisadas nos livros “Lembranças do Passado”, ainda assim o Rio de Janeiro tornou-se o lugar propício para iniciar as incursões da missão protestante, porquanto que:

Durante o século XIX, as discussões a respeito do avanço da ciência e da tecnologia invadiram o Brasil através do chamado “espírito da civilização moderna” que exigia a secularização progressiva da sociedade, reclamando a separação da Igreja e do Estado. Outros fatores de ordem política, econômica e social preparariam o terreno para a penetração do Protestantismo, como a ação da Maçonaria contrária ao ultramontanismo, os movimentos de libertação nacional, a difusão das ideias liberais propagados pela Revolução Francesa e pela Independência dos Estados Unidos (NASCIMENTO, E., 2004, p. 57).

Consequentemente, em meio às transformações que sucediam, no ano 1858, o imperador D. Pedro II “defendeu junto ao Parlamento a concessão da liberdade de culto às religiões evangélicas” (NASCIMENTO, J., 1999, p. 283).

Como demonstrou Buriti (2011), o Brasil imperial foi marcado por diferentes transformações, pois:

Recepcionando os trajetos burgueses e munindo a cidade de infra-estrutura urbana (água, iluminação e esgotamento sanitário), transporte (arruamentos, carruagens, bondes e trens), economia (instalação de fábricas e de estabelecimentos comerciais), comunicação (imprensa, correios e telégrafos), segurança (guarda nacional, sistema judiciário) e cultura geral (bibliotecas, jardim botânico, escolas de belas artes, faculdades, escolas de primeiras letras e secundárias, dentre outras) (BURITI, 2011, p. 17).

Fatores como os elucidados, em sua grande maioria, foram favoráveis para pôr em prática o novo projeto civilizador cristão. Nos anos 50, foi criada uma estrada de ferro para interligar o Rio de Janeiro a São Paulo; posteriormente, na capital do Império, foram instaladas redes de esgotos sanitários e, por outro lado, cresceu o número de navios a vapor em circulação nos principais portos do país. Tais investimentos facilitaram a vida da população brasileira e, da mesma forma, dos imigrantes que buscavam se adaptar ao clima e aos costumes da região.

Nesse contexto, entre os imigrantes que chegaram ao Brasil no século XIX estavam os alemães, e grande parte deles eram protestantes. Esses imigrantes optaram por residir em Petrópolis. Assim também o fez Robert Reid Kalley; por conseguinte, o clima quente e a falta de higiene encontrada na capital imperial não o agradaram. Segundo João Gomes da Rocha (1941, p. 30), “o hotel não era bom nem estava bem situado, a praia cheirava mal”. Diante disso, sem ter encontrado residência adequada para morar na capital Rio de Janeiro, mudaram-se para Petrópolis. Em sua nova morada:

Dedicou-se a estabelecer, com as autoridades mais elevadas e com a alta sociedade brasileira, contatos que garantiriam sua obra e seus convertidos. Instalou-se com suas duas camareiras alemãs e seu jardineiro português, em Petrópolis, na casa de verão que alugara do embaixador dos Estados Unidos. Recebia aí algumas vezes a visita do Imperador que vinham de improviso, como vizinho, ouvi-lo contar suas viagens pela Terra Santa (LÉONARD, 1963, p. 50).

Ainda de acordo com Léonard (1963, p. 48), era dos países protestantes que o Imperador D. Pedro II “esperava a imigração, grandemente necessária ao Brasil na realização do magnífico programa de civilização”.

Em 1854, segundo revelou Rocha (1941), existiam em Petrópolis 937 prédios particulares, e a população era de 5.239 habitantes, dos quais 2.743 eram alemães. Nessa província, o casal Kalley hospedou-se no Hotel Oriental, onde conheceu pessoas nobres, como cavalheiros de classes abastadas e diversos colonos alemães protestantes. Não obstante, além de encontrarem condições mais adequadas de higiene, foi em Petrópolis que se iniciou a propaganda protestante.

Para Robert Reid Kalley, a publicação em jornais foi fundamental para divulgar suas ideias e propagar o Protestantismo, pois, dessa forma, conseguiria alcançar grande parcela da população. Todavia, foi principalmente por meio da circulação de impressos, também importante veículo de divulgação e informação, que se tornou possível a muitos brasileiros a acessibilidade ao conhecimento bíblico e, conseqüentemente, à leitura e à escrita, permitindo, assim, a aproximação com as ideias do Cristianismo protestante.

Salienta-se, dessa maneira, a importância da propagação da imprensa, a qual, desde meados do século XVI, possibilitou uma grande alteração da “relação com a palavra escrita e as imagens” (GINZBURG, 1989, p. 122), posto que, através dela:

Um público de contornos para nós ainda indefinidos, mas de qualquer maneira compreendendo classes sociais subalternas (artesões e até camponeses), entrou em contato não só com a página impressa, mas também com as imagens que muitas vezes a acompanhavam. A existência de livros a preço relativamente baixo, normalmente ilustrados, aumentou imediatamente, em sentido tanto quantitativo como qualitativo, o patrimônio de palavras e imagens dessas classes sociais (GINZBURG, 1989, p. 138).

Além de publicar artigos de cunho religioso, Robert Reid Kalley também fez uso da imprensa para prestar serviço médico à população. Entre as décadas de 50 e 70 do Oitocentos, a febre amarela dizimava a vida dos habitantes no Brasil. Por esse motivo, Robert Reid Kalley publicou dois artigos no “Jornal do Commercio”. Em um deles, orientava a população sobre medidas preventivas para evitar a doença, no outro, oferecia uma oração designada às pessoas que estavam doentes. Ele providenciou a impressão dos dois artigos publicados em forma de folheto, a fim de distribuí-los à população.

Além da febre amarela, a cólera era outro tipo de doença que gerava a preocupação das pessoas em meados da década de 50. Em meio a essa situação, Robert Reid Kalley

dedicou-se a atender aos doentes, tendo motivado um registro a seu respeito no jornal “Correio Mercantil”, da seguinte forma: “O Sr. Dr. Robert Kalley sacerdote protestante inglês, que se acha entre nós de viagem ofereceu-se a comissão sanitária do município da Estrela os seus serviços em favor da pobreza” (ROCHA, 1941, p. 34).

Robert Reid Kalley também buscou publicar em jornais assuntos que fossem de interesse da população, “além disso, dava freqüentes passeios a pé ou a cavalo com a sua esposa, lia periódicos, revistas e livros interessantes sobre política, ciência, medicina e religião” (ROCHA, 1944, p. 234).

Entre suas atividades, escrevia e recebia muitas cartas, em uma das delas dirigida ao Sr. Silveira, ele afirmou que: “[...] ultimamente tenho estado a ler os estudos de Anatomia e Fisiologia, e a considerar as mudanças que se operam no corpo mortal [...]” (ROCHA, 1946, p. 20). Tais ponderações permitem aferir que Robert Reid Kalley foi um leitor diligente que buscou manter-se atualizado a fim de aperfeiçoar seus conhecimentos e buscar novos saberes.

Além de se preocupar com a disseminação dos impressos protestantes, Robert Reid Kalley visitava as casas e lojas, conversava sobre o evangelho e dirigia reuniões de cultos domésticos tendo por intenção cultivar a confiança de novos fiéis e consolidar novos grupos com interesses comuns.

Envolveu-se com pessoas influentes da elite brasileira Oitocentista. Visto que, a intelectualidade brasileira no período imperial era representada por doutos, oriundos da medicina, ou bacharéis em Direito. Não obstante, formado em medicina, o intelectual Robert Reid Kalley ganhou notoriedade e a conquistas de algumas pessoas da sociedade brasileira durante sua trajetória no país.

Maria das Graças de Loiola Madeira ajuda-nos a pensar sobre o perfil desse intelectual Oitocentista no Brasil, ao destacar que:

Na ação dos homens de letras do Império da nossa província, bacharéis e médicos, tidos como missionários das luzes e do progresso, se utilizavam dos jornais como tribuna ou parlamento na defesa de seus projetos pessoais ou de seu grupo, pela garantia de visibilidade [...] (MADEIRA, 2008, p. 55).

Com Robert Reid Kalley, não foi diferente, dentre as atividades desempenhadas no Brasil, ele publicou vários artigos protestantes em jornais e se pronunciou em diferentes situações, a fim de consolidar ideias pessoais e/ou do grupo ao qual pertencia.

O “Jornal do Commercio”, responsável por grande parte das publicações de Robert Reid Kalley, foi fundado pelo francês Pierre René François Plancher de la Noé, que veio para o Brasil em 1824, pois:

O Brasil, destacadamente presente nas notícias em virtude de sua então recente declaração de independência, já possuía fortes laços culturais com a França; livros franceses já eram importados em volume razoável e uma boa parte do comércio de livros existente estava nas mãos de franceses (HALLEWELL, 1985, p. 67).

Plancher tornou-se um importante editor no Brasil, ele foi responsável por ampla publicação de obras em português, além de ter investido na publicação de periódicos, tendo fundado primeiramente o “Spectador Brasileiro”, jornal que durou pouco mais de dois anos. E, em seguida comprou o “Diário Mercantil”, modificando-o para “Jornal do Commercio”, em 1827.

Para publicar artigos no “Jornal do Commercio”, Robert Reid Kalley pagava em média a quantia de 12\$000 (doze mil réis) a 20\$000 (vinte mil réis) por artigo publicado.

No ano de 1858, Robert Reid Kalley fundou a Igreja Evangélica Fluminense (IEF) na capital do Rio de Janeiro, a fim de desenvolver nesse espaço atividades de evangelização entre os brasileiros. Tornando-a primeira Igreja Protestante, que funcionou com atividades em língua portuguesa, e que atendia a indivíduos de diferentes níveis sociais:

Alguns pobres que passaram a frequentar a Congregação e procuraram obedecer à lei de Deus, perdiam os seus empregos por não quererem trabalhar no Dia do Senhor. A situação tornava-se difícil para muitas famílias, mas confiavam em que Deus não as desampararia e assim sucedia efetivamente (ROCHA, 1944, p. 145).

O trabalho de colportagem e de evangelização, na busca de novos convertidos, possibilitou posteriormente a organização de diversos grupos protestantes, tais como: presbiterianos, batistas e outros.

Anos antes, na década de 30 do Oitocentos, foi organizada uma capela para a prática de culto dos imigrantes alemães, mas “esses estrangeiros, entretanto não pareciam absolutamente desejosos de tomar seus cultos conhecidos dos brasileiros” (LÉONARD, 1963, p. 42).

A instalação de uma igreja, fundada por Robert Reid Kalley, funcionou como uma estratégia, que diz respeito às relações de forças e, portanto “postula um *lugar* suscetível de ser circunscrito como *algo próprio* e ser a base de onde se podem gerir as relações com *uma*

exterioridade de alvos ou ameaças” (CERTEAU, 1994, p. 99). Aliás, a fortaleza era indispensável, pois:

O “próprio” é *uma vitória do lugar sobre o tempo*. Permite capitalizar vantagens conquistadas, preparar expansões futuras e obter assim para si uma independência em relação à variabilidade das circunstâncias. É um domínio do tempo pela fundação de um lugar autônomo. É também um domínio dos lugares pela vista. A divisão do espaço permite uma prática panóptica a partir de um lugar de onde a vista transforma as forças estranhas em objetos que se podem observar e medir, controlar portanto e “incluir” na sua visão. Ver (longe) será igualmente prever, antecipar-se ao tempo pela leitura de um espaço (CERTEAU, 1994, p. 99).

Robert Reid Kalley realizou algumas viagens internacionais durante o período em que esteve no Brasil. Foi para países como a França e, com mais frequência, a Inglaterra. Suas viagens tinham o propósito, ora de descansar das atividades desempenhadas no Brasil, ora de cuidar de sua saúde. É provável que as mesmas tenham favorecido o alargamento do reconhecimento de seu trabalho evangélico, de maneira a torná-lo um homem público, tanto nacional, quanto internacionalmente.

Durante suas viagens, também aproveitava para encomendar impressos protestantes para serem vendidos no Brasil. Robert Reid Kalley morou em diferentes países, entre os quais: Escócia, Portugal, Estados Unidos, Líbano e Brasil. Porém, não foram encontradas maiores informações acerca dessas transições.

No período em que esteve na Inglaterra, em 1862, enviou uma carta para o colportor Francisco da Gama, informando-lhe que havia solicitado a impressão de mil exemplares do opúsculo “Evidências do Cristianismo”, os quais seriam remetidos para o Brasil.

Para dar continuidade às atividades na IEF, o pastor Robert Reid Kalley elegeu o escocês Richard Holden como seu co-pastor para substituí-lo em sua ausência. Alguns anos mais tarde, Richard Holden pediu o afastamento do ofício para se tornar agente da BFBS. O co-pastor exerceu suas atividades, principalmente, na Bahia e em São Paulo.

No diário Sarah Pouton Kalley foi registrado um episódio interessante sobre Antônio José Garcia, um ex-escravo que trabalhou para Richard Holden e foi funcionário de uma das Escolas Primárias organizadas pelos protestantes. A seu respeito, ela anotou que, após ter frequentado os cultos na IEF, ele “percebeu que não devia continuar a guardar os seus ídolos⁹ em casa, afinal, certo dia de manhã cedo fez um embrulho de todos eles e foi depositá-los no pórtico de uma igreja romana” (ROCHA, 1944, p. 84).

⁹ Imagens de santos, personagens da religião católica.

Fatos como esse servem para compreender como os reformadores estavam dispostos a ganhar espaço e poder, intervindo através da utilização da palavra para influir nas mentes de seus ouvintes os ideais religiosos que defendiam.

A experiência na Ilha da Madeira permitiu a Robert Reid Kalley utilizar-se de estratégias durante suas atividades no Brasil. Em apenas um ano, enviou uma carta convidando três madeirenses, Francisco da Gama, Francisco de Souza Jardim e Manuel Fernandes, para trabalharem como colportores no Brasil¹⁰. Além disso, percebeu a necessidade de ter assistência no trabalho de evangelização. Sendo portugueses, poderiam resolver a dificuldade imposta pela Lei brasileira, pois a legislação proibia realizar cultos em línguas estrangeiras. Por conseguinte, não foram somente esses colportores que o auxiliaram no trabalho evangélico; entre outros envolvidos, estiveram brasileiros e estrangeiros que colaboraram para a implantação e ampliação do Protestantismo.

No ano de 1856, Francisco da Gama, que se encontrava na capital do Rio de Janeiro, escreveu uma carta para Robert Reid Kalley, que estava em Petrópolis, relatando sua experiência como vendedor de impressos; além do que, oferecia-se para visitar os doentes nos hospitais da região. Em resposta, Robert Reid Kalley o escreveu:

Recebi ontem a noite sua carta, e já há tempos desejava muito ouvir notícia daquela cidade, de vós, e de F. Jardim. Precisamos de muito juízo e de muito poder para servimos neste país aquele que morreu no Calvário. Se é preciso uma licença para poder vender e você quer trabalhar na maneira de que falamos então será bom tirar a licença quanto antes, mas se quer se empregar em outra coisa seria uma pena gastar o dinheiro que se há de pagar pela licença. O Sr. Garrett terá gosto em alcançar as informações, ou talvez possa falar com alguns dos que vendem pelas ruas e deles aprender o que é preciso para ter licença. – Não me parece que seria prudente ir falar com os doentes nos hospitais por ora. Mas falaremos sobre isso quando estiver na cidade, que talvez seja na sexta-feira (ROCHA, 1941, p. 41 – 42).

Entre as pessoas com quem Robert Reid Kalley dialogava por meio de cartas, estava o padre Patrício Muniz, que, em uma das epístolas, pediu-lhe para aceitar o convite de ser membro da Igreja Católica. Em contrapartida, o pastor Robert Reid Kalley respondeu sem demora indeferindo e apresentando os motivos pelos quais discordava da doutrina apresentada pela Igreja Católica Romana.

¹⁰ Uma de suas estratégias para driblar o Artigo 6º da Constituição do Império, sobre a proibição da celebração de cultos protestantes em outra língua, foi trazer portugueses calvinistas da Ilha da Madeira que moravam em Illinois, e distribuí-los estrategicamente nas principais cidades brasileiras (NASCIMENTO E., 2008, p. 9).

Em 1873, Sarah Pouton Kalley escreveu uma carta para a tia Lydia Morley, que morava em Londres, contando-lhe que:

Dias antes, alguns membros da família resolveram dar um passeio pela estrada, abaixo da casa em que morava, e viram então o imperador – que se achava em pé sobre uma rocha e sem casaca – levantar a cabeça e, olhando em direção ao local onde estava o seu marido, tirar o chapéu e cumprimentá-lo por três vezes (ROCHA, 1957, p. 20).

Em meio à requisição social, o laço de amizade conveio como uma forma de conquistar espaços, ganhar confiança, preparar-se para possíveis batalhas contra inimigos. Além do Imperador, conservou amizade com o renomado cientista suíço Louis Agassiz, responsável pela execução da “Expedição Thayer” realizada no Brasil no período compreendido entre 1865 e 1866, com o objetivo de fotografar e registrar em série os tipos raciais brasileiros. Durante essa experiência, Louis Agassiz percorreu pelo Rio de Janeiro, Minas Gerais, Amazônia e nordeste do Brasil. Além do cientista, fez amizade com o pernambucano e general José Inácio Abreu e Lima, que foi um colaborador para a prática da religião protestante na Província de Pernambuco.

É possível que exercícios como orientação e administração praticados por Robert Reid Kalley tenham possibilitado a ele o crescimento do seu trabalho missionário. Esta situação talvez possa ter sido enaltecida pelo espírito de liderança; contudo, não lhe conviria isolar-se, pois:

Todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver. São estruturas de sociabilidade difíceis de apreender, mas que o historiador não pode ignorar os subestimar (SIRINELLI, 1996, p. 248).

As pessoas unem-se representando uma rede, como um sistema de “fios isolados que ligam-se uns aos outros” (ELIAS, 1994b, p. 35), ou seja, redes de inter-relações entre os pares, que, mesmo ao se unirem, expressam maneiras diferenciadas de conceber ideias, características da singularidade, visto que foi partindo de uma rede de pessoas que o antecedeu para a formação de uma rede de sua criação, que Robert Reid Kalley operou seus conhecimentos científicos e teológicos e contribuiu com a formação de novas comunidades de fieis e leitores.

A partir da leitura do livro “Lembranças do Passado” foi possível levantar alguns dos principais envolvidos, ou melhor, os mediadores de Robert Reid Kalley no desempenho da

inovação religiosa no Brasil. A leitura das cartas permitiu melhor compreender os fatos. Dentre os assuntos versados, foram encontrados relatos sobre situações de trabalho dos colportores, solicitação de impressos, descrição referente aos impressos, como a quantidade vendida ou distribuída de forma gratuita, descrição acerca de dificuldades e embates deparados por opositores católicos.

O quadro 1 demonstra, de forma parcial, os cooperadores de Robert Reid Kalley, além disso, apresenta alguns dos assuntos abordados entre eles.

QUADRO 1 - CARTAS TROCADAS ENTRE ROBERT REID KALLEY E SEUS COLABORADORES¹¹

DATA/ ANO	REMETENTE	DESTINATÁRIO	ASSUNTO
24/01/1855	Robert Reid Kalley	Aos madeirenses em Illinois – EUA	Pedindo aos crentes que orassem por ele, para que Deus abrisse o caminho por onde estivesse que realizar o trabalho de evangelização. Ele tinha esperança que fosse entre portugueses ou brasileiros, onde faltavam Bíblias e pastores, que poderia ter melhor aceitação para atuar.
05/01/1862	Ministro da Grã-Bretanha	Robert Reid Kalley	Comunicando o envio de impressos “O ladrão da Cruz”, para o Brasil.
21/07/1862	Robert Reid Kalley	Pastor João Manuel Gonçalves dos Santos e para os crentes da Igreja Evangélica Fluminense	Comunicando-lhes a possibilidade de deixar o Brasil definitivamente. Além disso, apresentou os objetos que o levou a trabalhar entre os brasileiros, em que dizia: “Não vim a este país, em busca de honras, prazeres ou riquezas deste mundo. Vim na crença de que o povo – chamado cristão – vivia na ignorância do verdadeiro caminho de salvação – da salvação de graça, pela fé, por meio de Jesus. Vim julgando que tal era a vontade do Senhor e querendo publicar neste Império as notícias de que Deus é tão bom que se pode dizer dele em verdade que ele é amor. [...] Não posso gabar-me de ter feito tudo o que devia, mas Deus é testemunha de que por ajuda dele tenho trabalhado ansiosamente para vos declarar a pura verdade sem acrescentar doutrinas que não se encontram no livro divino e sem diminuir delas” (V. 1, p. 183).
27/10/1862	Robert Reid Kalley	Ellen Roughton	Em resposta à carta que ela havia o enviado a respeito de alterações e publicações de hinos sagrados produzidos por Kalley e sua esposa. Atitude que não aprovava, pois não permitia que publicassem seus escritos

¹¹À medida que as fontes permitiram, foi possível levantar informações a respeito de alguns colaboradores, os quais aparecem no decorrer deste trabalho.

			sem a devida autorização.
03/11/1864	Ashbel Green Simonton	Robert Reid Kalley	Informando-lhe sobre o envio do jornal “Imprensa Evangélica” da Igreja Presbiteriana de São Paulo, convidando-o para escrever artigos.
17/11/1864	Robert Reid Kalley	Souza Franco – Presidente da Província do Rio de Janeiro	Com o objetivo de que o problema pudesse ser resolvido, informava que o subdelegado de Niterói advertiu para não continuarem, como era de costume, as reuniões noturnas destinadas ao culto evangélico, porquanto que os policiais não estariam presentes para prevenir algum tipo de violência.
21/11/1864	Robert Reid Kalley	General Webb – Embaixador americano	Abordava acerca da necessidade de legalização sobre os direitos da livre habitação e trabalho no Brasil.
19/01/1865	Rev. L. B. Bergue – agente da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira	Robert Reid Kalley	Tratava a respeito do trabalho desenvolvido pelo agente Richard Holden, com a disseminação dos impressos protestantes no Brasil, em que parabenizava pelos resultados obtidos e elogiava o agente como um funcionário zeloso e fiel ao seu ofício.
24/07/1865	Robert Reid Kalley	Sra. Agassiz	Por motivo de uma conversa que teve com a esposa de Louis Agassiz, ele a escreve para demonstrar seus conhecimentos a respeito da doutrina cristã revelada na Bíblia. Concordava que os mensageiros das palavras sagradas se pronunciavam de formas diferentes, de acordo com a opinião e entendimento de cada um e, por esse motivo, afirmava ser fundamental que cada pessoa pudesse ter acesso à leitura bíblica para compreendê-la melhor.
1871	João dos Santos	Robert Reid Kalley	Falava sobre o clima quente do Brasil e sobre algumas mortes ocorridas nesse período de altas temporadas.

Fonte: ROCHA, João Gomes da. **Lembranças do Passado**. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Publicidade Ltda, v. 1, 1941. ROCHA, João Gomes da. **Lembranças do Passado**. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Publicidade Ltda, v. 2, 1944. ROCHA, João Gomes da. **Lembranças do Passado**. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Publicidade Ltda, v. 3, 1946.

Robert Reid Kalley buscou meios para manter-se informado a respeito do Protestantismo em Portugal, de modo que, esteve em contato com o casal Roughton, que agiram veementemente no trabalho evangélico. Ellen Roughton dirigia as atividades naquele país, atuava como líder, realizava em sua casa reuniões de cultos domésticos e ministrava aulas de estudo bíblico para as crianças. Ela trocou muitas cartas com Robert Reid Kalley, mantinha-o informado sobre os principais acontecimentos do Protestantismo em seu país; o marido de Ellen Roughton, Francis Roughton, era agente da BFBS em Portugal.

Em janeiro de 1866, Ellen Roughton enviou uma carta para Robert Reid Kalley através da qual tratava sobre os livros que deveriam ser adotados nas Escolas Dominicais de Portugal, além disso, falava acerca da situação do trabalho evangélico no país, destacando que:

[...] o preço dos livros impressos no Brasil era por demais elevado para serem vendidos em Portugal, então sugeria que, para ficarem mais baratos fossem impressos de preferência em Lisboa, e não em Londres, nem no Rio de Janeiro, para que ela pudesse adotá-los nas escolas. [...] Aqui em Portugal, vendem-se as Escrituras Sagradas, com assentimento do povo, não obstante a oposição dos padres que dizem que se devem queimar esses livros (ROCHA, 1944, p. 205-206).

Entre os colaboradores do projeto evangélico no Brasil, David Gueiros Vieira (1980) assegurou que grupos maçônicos também cooperaram para o fortalecimento da religião protestante no país. Ainda que amizades com importantes membros da sociedade tenham se consolidado, por outro lado, os protestantes enfrentavam problemas com os católicos – de um lado, estavam imigrantes protestantes que tinham a finalidade de disseminar os ideais da Reforma Protestante; de outro, católicos que lideravam o campo religioso há séculos, com intervenções não somente nas decisões religiosas, mas também sociais, educacionais e culturais do país.

Em 1855, ano em que Robert Reid Kalley chegou ao Brasil, foi publicada a seguinte nota no “Jornal do Commercio”, escrita por um católico, cujo nome não foi apresentado:

A nossa constituição católica proíbe as outras seitas cristãs, a construção dos edifícios destinados ao culto tendo a forma interior de templo. Seguramente o zelo que inspirou tal medida não atendeu para as necessidades da colonização protestante... Acaso tememos que o protestantismo venha fazer prosélitos entre os nacionais e despovoar as nossas igrejas?... Se por outro lado queremos evitar que os protestantes ergam o colo e se tornem exigentes, o alvitre o mais adequado, para remover esse mal não é fornecer-lhes direitos

para reclamarem concessões, mas antes outorgá-las, independentemente de exigências que nos façam (ROCHA, 1941, v. 1, p. 25).

As manifestações aconteciam de forma verbal, ou por escrito, através de publicações em jornais. Naquela época, os jornais foram intensamente utilizados por católicos como recurso de propaganda para impedir a conformação das ideias protestantes.

Sobre a circulação de Bíblias protestantes, em 16 de dezembro de 1857, foi publicado no jornal “Correio Mercantil”, um artigo com o seguinte título: “Para ser lido pelo Bispo”, de autoria pseudônima como *O católico romano*, que discorria da seguinte maneira:

Um fato digno de provocar a atenção de Ex. reverendíssima tem-se ultimamente observado nesta corte, um grande número de Bíblias impressas em Londres, e que se dizem traduzidas pelo padre Antônio Pereira segundo a vulgata latina. São oferecidas por baixo preço não só em lojas como por esses mascates de livros que se encontram nesta cidade. Chegou-nos às mãos uma dessas Bíblias pela diminuta quantia de 3\$500, e nela deparamos com ideias que, a serem verdadeiras não são por certo as que temos aprendido em nosso catecismo católico. Seria conveniente e útil para que o público incauto ou ignorante não seja iludido, que o Ex. reverendíssima pelos meios ao seu alcance fizesse constar e de modo a chegar a todas as classes da sociedade brasileira quais as características que distinguem as Bíblias falsas da verdadeira. Não é justo, não é razoável, que em um país católico exerça sua ação essa propaganda de protestantismo com que se tem assinalado a Inglaterra, é este o único motivo que nos leva a escrever estas linhas (ROCHA, 1941, p. 62).

Robert Reid Kalley também publicou em jornais do Rio de Janeiro, a fim de propagar as ideias da religião protestante. Do mesmo modo, publicou vários folhetos¹², além de hinos e traduções de livros, em jornais como “O Correio Mercantil” e “O Christão”. Procurou manter-se em contato com a população, conversando sobre o evangelho e apresentando-lhe os impressos para adquiri-los.

Em novembro de 1864, ele escreveu uma carta para o governador do Rio de Janeiro. Nela, apresentava esclarecimentos sobre uma desordem ocorrida durante o culto realizado na IEF:

¹²De acordo com Beda (1993) o folheto definiu-se como um impresso de poucas folhas, menor que um livro, denominado também de opúsculo. Além do folheto, o referido autor apresenta a definição de livreto como “livro pequeno, seja no tamanho, seja no número de páginas, com acabamento em um ou mais cadernos grampeados lateralmente ou a cavalo, com ou sem capa” (BEDA, 1993, p. 88).

Senhor,

julgo ser o meu dever informá-lo de que, em vista da declaração de Vossa Excelência feita na noite passada, de que os ‘magistrados policiais’ de Niterói negam a ocorrência de qualquer desordem na noite do dia 10 do corrente mês, vejo-me obrigado a requerer perante as autoridades competentes, os depoimentos dos membros da Igreja Evangélica Fluminense, os quais ali estiveram presentes, e da qual sou pastor reconhecido pelo Governo do Brasil. Entre os que frequentam regularmente os cultos, há franceses, suíços, holandeses, alemães, belgas, americanos, ingleses, portugueses e brasileiros, e houve pessoas de quase todas estas nacionalidades que foram testemunhas dos fatos e sofreram insultos (ROCHA, 1941, p. 331).

Dois anos mais tarde, as ofensas de católicos permaneceram e por esse motivo o missionário torna a escrever para autoridades da época, e no dia 12 de junho de 1866, enviou um pedido ao chefe de polícia da Corte:

Sr. Dr. Chefe de Polícia da Corte:

Fui reconhecido pelo Governo Imperial como ‘ministro do evangelho’. Nessa qualidade, exercito o culto evangélico de dia, aos domingos, e de noite, as segundas e quartas-feiras, em minha casa, na Rua Travessa das Pastilhas, nº 34. Algumas pessoas que freqüentam essas reuniões me comunicaram que são aborrecidas por manifestações hostis de desrespeito e ameaças, quando chegam a minha casa ou dela saem. Em vista das desagradáveis cenas que ocorreram na ‘Saúde’, em agosto de 1861, e em Niterói, em novembro de 1864 – receio que se torne a praticar atos que se opõem tanto as leis do país, como ao nome desta grande capital. Venho, portanto, com todo o acatamento, trazer estes fatos perante Vossa Excelência, para que, em sua sabedoria se digne ordenar as providências necessárias para evitar toda violação das leis contra pessoas que não as ofendem em ponto algum (ROCHA, 1944, p. 120).

No ano de 1872, Robert Reid Kalley esteve em Recife; naquela ocasião, teve a oportunidade de realizar uma conferência no Teatro Santo Antônio, onde pronunciou-se a respeito da Cidade de Jerusalém. O anúncio da conferência foi publicado em alguns jornais da província e teve uma recepção de aproximadamente 200 ouvintes. Em Pernambuco, o casal Kalley esteve por quase dois meses, ali foi perseguido constantemente por católicos, e logo foi forçado a retornar para o Rio de Janeiro, embora o ocorrido não o tenha impedido de prosseguir as atividades naquela região.

Laurence Hallewell (1985), e Denis Antônio de Mendonça Bernardes (2010), demonstraram que Pernambuco nos Oitocentos destacou-se como uma Província

empreendedora, de modo que, após a abertura do porto no início do século as atividades tipográficas e criações de jornais cresceram naquela província.

É certo que, não foi por acaso que Pernambuco tornou-se alvo da intervenção missionária de Robert Reid Kalley, ali edificou mais uma igreja – a Igreja Evangélica Pernambucana, e tomou proveito diante do rompimento da censura real e religiosa/ católica após o ano de 1821, para disseminar os impressos protestantes e evangelizar as pessoas.

Depois da conferência de Robert Reid Kalley no Teatro Santo Antônio, o jornal pernambucano “O Verdadeiro Católico” levou a público as seguintes considerações:

Na noite do dia 20 do corrente mês, teve lugar no salão do Teatro Santo Antônio, uma preleção do distinto médico e pastor evangélico Dr. Kalley. [...] Foi assunto da dissertação a descrição física, política e histórica da Palestina, em que o Dr. Kalley gastou aproximadamente 1 hora no seu discurso, que infelizmente não pode ser tal apreciado como merecia, devido ao fraco volume da sua voz, que só podia ser ouvida nos lugares mais próximos do palco. Para melhor desenvolvimento do seu trabalho, o orador serviu-se de uma planta geográfica e panorâmica da celebre Cidade de Jerusalém, e, nesse ponto, foi mais explicito como prometerá. Se o Dr. Kalley houvesse escolhido um salão menor, se, por exemplo, houvesse obtido o magnífico salão do “Gabinete Português”, e só distribuisse os seus convites a pessoas capazes de compreendê-lo, estamos certo de que, apesar do pequeno senão que notamos, alcançaria fazer-se conhecido aqui nesta província, como é na Capital do Império, onde reside. Dando nós este humilde parecer, desejamos ainda ouvir o ilustrado médico, neste ou em outros ramos dos seus variados conhecimentos científicos (ROCHA, 1957, p. 52).

O referido jornal publicou, em seguida, outra nota, para lembrar aos leitores pernambucanos a respeito do episódio sucedido com o General Abreu e Lima, destacando que:

[...] Parece incrível que os homens que louvaram naquela época os protestantes por terem aberto seu cemitério para dar sepultura decente ao cadáver daquele ilustre pernambucano, condenado a ser pasto de cães e corvos – apedreje hoje um venerando pastor da igreja evangélica! (ROCHA, 1957, p. 53).

Em 1816, Abreu e Lima diplomou-se militar pela Academia Real Militar do Rio de Janeiro. Seu pai, ordenado padre em Roma, em 1807, abandonou a confissão religiosa e retornou para Pernambuco, tornando-se, então, membro articulador da Revolução Pernambucana. Em viagem realizada para Bahia, foi preso e em seguida condenado à morte.

Nessa ocasião, Abreu e Lima foi forçado a assistir à morte do próprio pai e, após o episódio, resolveu fugir da perseguição de oficiais portugueses em direção aos Estados

Unidos, no ano de 1818. Para isso, teve o apoio e auxílio financeiro de um grupo maçônico, de que foi membro. No mesmo ano, seguiu para a Venezuela, onde se uniu ao exército libertador liderado por Simón Bolívar. Após 11 anos no exterior, retornou a Pernambuco em 1832, depois da morte de Simón Bolívar,

No momento em que regressou estava eclodindo a revolução praieira, de 1848. Alistou-se ao lado dos liberais e lutou em defesa da nacionalização do comércio, por eleições diretas, em favor da descentralização do poder das províncias e pela instituição do casamento civil. Após a derrota do movimento, dedicou-se Abreu e Lima a uma intensa atividade intelectual. As suas posições políticas faziam do general simpatizante da Igreja Anglicana. Distribuiu com algumas famílias recifenses Bíblias impressas em Londres (NASCIMENTO, J., 1999, p. 76).

Polemista e escritor, divulgava suas ideias em jornais pernambucanos, além disso, publicou alguns livros, dentre os quais: “Compêndio de história do Brasil” (1843), “O socialismo” (1855), “O Deus dos judeus e o Deus dos cristãos” (1867), “A resposta ao cônego Januario da Cunha Barbosa” (1844), e “As Bíblias falsificadas ou duas respostas a Joaquim Pinto de Campos” (1867). Algumas de suas publicações foram dirigidas a personalidades da comunidade cristã católica, conforme perceptível em seus títulos. Por essa razão, provocou aborrecimentos à população católica.

O militar Lima remeteu uma cópia do seu livro “As Bíblias falsificadas ou duas respostas a Joaquim Pinto de Campos” para Robert Reid Kalley. Após alguns dias, Robert Reid Kalley escreveu-lhe uma carta, agradecendo-lhe pela atenção e prestígio, mas, de igual modo, assinalou algumas objeções detectadas no impresso.

Dentre os problemas enfrentados por protestantes no Brasil, houve o bloqueio de sepultamento em cemitérios públicos. Não obstante, o militar Abreu e Lima também foi coibido de ser sepultado em cemitérios públicos de Pernambuco, por ordem do bispo Pinto de Campos, devido às atitudes polêmicas executadas pelo militar, como o apoio oferecido aos protestantes na distribuição de Bíblias naquela região. Com isso, o sepultamento do militar foi realizado no cemitério inglês, criado e mantido por protestantes.

Para contestar a prática religiosa e a divulgação do Protestantismo em Pernambuco, o bispo Pinto de Campos publicou no “Diário de Pernambuco” que as Bíblias oferecidas pelos protestantes eram falsificadas. Diante dessa situação, Robert Reid Kalley e Richard Holden publicaram num jornal do Rio de Janeiro um artigo intitulado: “Bíblias falsificadas?”, destacando que:

No depósito das Escrituras Sagradas a Rua Sete de Setembro nº 52 B, há sobre o balcão exemplares das edições da Bíblia autorizada pelo arcebispo da Bahia e pela autoridade eclesiástica de Lisboa, para serem compradas com as edições de Londres e de Lisboa, que estão à venda nesta casa. Convida-se a todos interessados, a entrar e cotejar as Bíblias e Novos Testamentos, escritos em trinta línguas diferentes e publicados pela Sociedade de Londres, com as Bíblias e Novos Testamentos aprovados pelas autoridades católicas. Estão à venda neste depósito, Bíblias portuguesas a 1\$500, 2\$000, 2\$500 e 3\$000 (ROCHA, 1944, p. 126).

Antes de ir para o Recife, em 1868, Robert Reid Kalley mandou o colportor Manuel José da Silva Viana para desenvolver o trabalho de propaganda e venda dos impressos protestantes, a fim de, posteriormente, iniciar as atividades de evangelização naquela localidade, sob as seguintes condições:

Com uma bolsa na mão esquerda e um ou dois livros na direita, percorria essa e outras cidades, sempre risonho, a oferecer os seus livros e a querer explicá-los. Uns, eram poucos, ouviam-no bem, [...]. A maioria, porém, se não era indiferente, se não se enfadava com tal história da Bíblia, maltratava-o e injuriava-o, de modo atroz. Às vezes puxava violentamente a bolsa e lá se iam os livros, espalhados pelo chão..., e eram depois rasgados (ROCHA, 1957, p. 7).

Manuel José da Silva Viana deu início à atividade de colportagem como funcionário da ABS; por conseguinte, logo foi demitido por ter se dedicado a evangelizar as pessoas, uma vez que as sociedades bíblicas priorizavam a comercialização dos impressos. Mais tarde, foi admitido pela BFBS, quando esteve sob a supervisão do agente Robert Reid Kalley. Além de Manuel José da Silva Viana, os colportores Francisco de Souza Jardim e João Antônio de Menezes também foram para Pernambuco, auxiliar no trabalho de propaganda.

Em abril de 1873, Manuel José da Silva Viana escreveu uma carta para o casal Kalley, em que discorria sobre o trabalho de colportagem e das dificuldades encontradas para continuar operando naquela região:

Aqui falta-nos um homem que se pusesse a testa desse negócio, como o Sr. doutor, mas agora estamos todos espalhados até quando o Sr. Jesus quiser... Peço ao Sr. Doutor que faça da sua parte aí, com o governo, o que for possível para que o Demônio não prevaleça aqui. Há casas de oração na Baía, no Rio, em São Paulo, em Campinas, em Brotas, etc, só aqui em Pernambuco é que sucedem essas coisas [...] Eu levo aqui uma vida muito má, pois caminho embaixo de sol e de chuva para ganhar um mesquinho jornal, quando em outro tempo ganhava bom jornal embaixo de terra enxuta, livre do sol e da chuva, mas sei com toda a certeza que o Senhor Jesus me

tem escolhido para este trabalho, e ele me ajuda a fazer tudo para a sua glória e para o bem de muitas almas! [...] Duas coisas me prendem aqui – uma é ter trazido a família, outra é que, se eu me retirar os inimigos triunfarão dizendo: Veio para aqui e nada fez. [...] Os domingos são do meu Senhor Jesus! As noites também são dele e não pertencem à sociedade! E como então o Sr. Carvalho me diz que não devo ter cultos em minha casa? E onde então será realizado, enquanto o Senhor Jesus não nos der outra casa? Que mal ou prejuízo pode ter a sociedade em juntarmos para ler as escrituras sagradas e cantar louvores a Deus? Isto é o que nunca deixarei de fazer, enquanto o Senhor Jesus nos não deparar outra casa! O Sr. Carvalho também se queixa de que a venda dos livros é pouca... Eu faço com a ajuda do meu Senhor Jesus, o que está ao meu alcance, pois saio para o meu trabalho às 7 horas da manhã para encontrar o povo em certos pontos onde se juntam (ROCHA, 1957, p. 24 – 26).

Na carta apresentada acima, a alusão a doutor refere-se a Robert Reid Kalley. Nas palavras do colportor Viana, pode-se perceber que a Sociedade Bíblica não apoiava a ideia de que os vendedores de impressos evangelizassem as pessoas, tendo em vista que deveriam se dedicar exclusivamente à venda dos impressos.

Devido às manifestações da população católica para impedir a realização de cultos evangélicos na residência do colportor Manuel José da Silva Viana, o pastor Robert Reid Kalley publicou um artigo em maio de 1873, no “Jornal do Commercio”, sob o título de “Imigração”, discorrendo da seguinte forma:

Se o Governo Geral não remediar este assunto, convém que seja sabido pelos governos dos países da Europa – que os jesuítas tendo-se apossado do Governo Civil, anulam casamentos a seu jeito, reduzem a Carta Constitucional e um ‘nariz de cera’ que se dobra a sua vontade, e que, os imigrados acatólicos não podem unir-se para o culto de Deus enquanto não forem bastante ricos para terem uma casa dedicada exclusivamente ao culto (ROCHA, 1957, p. 31).

Os imigrantes James Fanstone e Leônidas da Silva tiveram o apoio da BFBS para agir em Pernambuco. No ano de 1879, James Fanstone foi eleito pastor da Igreja Evangélica Pernambucana e Leônidas da Silva, co-pastor. Como pastor, James Fanstone desempenhou suas atividades até o ano de 1885, quando deixou o Brasil e foi para a Inglaterra.

Após a iniciativa de encontros em ambientes domésticos para a realização de cultos evangélicos, surgiram as Casas de Orações. Ambos tinham o mesmo fim; no entanto, o culto doméstico representava um encontro mais reservado, uma reunião entre familiares e amigos, por outro lado, as Casas de Orações aconteciam em estabelecimentos maiores e alugados, cuja finalidade era a de alcançar um maior número de participantes. Essas reuniões ocorreram nas

seguintes regiões: na cidade do Rio de Janeiro, em Niterói, Teresópolis, Cascadura, na cidade de São Paulo e Campinas, Brotas, Bahia e Pernambuco.

No Rio de Janeiro e em Pernambuco, os jornais publicaram assuntos referentes à questão religiosa. O jornal católico “A União” alçou algumas críticas dirigida a autoridades que protegeram os protestantes das perseguições ocorridas durante os cultos evangélicos. Em contrapartida, os jornais “A Província”, “A Verdade” e “O Liberal” apoiaram o trabalho evangélico e fizeram circular artigos a favor dos protestantes. Mais adiante, os reformadores religiosos puderam contar com o apoio de maçons e de alguns intelectuais da Escola do Recife, que se opuseram ao movimento católico.

Em 1876, Robert Reid Kalley retornou à Escócia, país onde nasceu. Aos sessenta e sete anos de idade, em virtude do estado fragilizado de saúde em que se encontrava, impossibilitava-o de prosseguir com atividades anteriormente executadas. Ainda assim, mesmo após ter deixado o Brasil, os relatórios sobre a comercialização dos impressos protestantes apresentados pelos colportores continuaram sendo enviados a ele, via correio.

Por essa ocasião, algumas medidas foram adotadas para dar continuidade ao projeto evangélico. E, em 1875, o brasileiro João Manuel Gonçalves dos Santos foi designado pastor da IEF. Para assumir a tarefa, estudou teologia em Londres e, de volta ao Brasil, em 1878, ocupou-se também como agente da BFBS. Além disso, foi superintendente da Escola Dominical da mesma igreja.

Membro responsável pelas atividades da IEF, competia ao pastor João Manuel Gonçalves dos Santos comunicar, através de cartas dirigidas a Robert Reid Kalley, os principais acontecimentos da evangelização no Brasil.

No período de 70 a 80 do século XIX, o trabalho dirigido por João Manuel Gonçalves dos Santos permitiu dar continuidade à missão evangélica no país, através da prática de cultos religiosos e da circulação dos impressos protestantes. Como resultado de seu empenho, os colportores que estiveram sob sua direção venderam aproximadamente 2.734 Bíblias e 7.004 Novos Testamentos.

O pastor João Manuel Gonçalves dos Santos mantinha Robert Reid Kalley informado acerca das decisões adotadas, assim como dos resultados alcançados. Mesmo distante, Robert Reid Kalley esteve envolvido com a evangelização no Brasil, continuou a orientar os sermões utilizados nos cultos e a organizar o material didático da Escola Dominical da IEF, além disso, também enviava recursos para manter em funcionamento essas instituições.

Um dos resultados da atuação do pastor João Manuel Gonçalves dos Santos refere-se à criação do jornal infantil “O Amigo da Criança”. Tal iniciativa revelou os esforços e interesses pela causa religiosa, buscando acolher de igual modo o público de menor idade.

Em 1882, de Paris, Robert Reid Kalley enviou uma carta para os membros da IEF. Após ter participado da “Missão Mac All”:

Chegamos aqui no sábado passado, desejando ver e ouvir alguma coisa da Obra de Deus, nesta grande ‘Feira da Vaidade’. [...] Ontem, terça a noite, fomos a uma dessas conferências num salão, e ouvimos um discurso sobre ‘O Cristianismo’, como *a religião mais apropriada ao bem do povo*. Estavam presentes mais de 500 pessoas, e o salão estava situado num dos pontos mais freqüentados da cidade. [...] Ouvi dizer – mas não sei se é verdade – que o orador havia estudado para ser *sacerdote romano*, mas não podendo aturar essa vida, fugiu do colégio para se dedicar as leis e a literatura. Era redator de um jornal, inteiramente oposto a toda religião. Vindo a convencer-se da necessidade de ter alguma religião e de que o *romanismo* se opõe ao bem estar do povo, falou e escreveu a favor do Evangelho – mesmo antes de sentir no seu coração a paz e a alegria da Redenção assegurada por Jesus ao que nele confia. [...] Agora cheio de zelo, advoga a religião de Jesus, e fala eloquentemente da loucura e misericórdia do ‘ateísmo’ e o ‘indiferentismo’ – comparando-lhes os lindíssimos efeitos da ‘crença evangélica’, tanto sobre os indivíduos, como sobre os povos. [...] Em Paris e seus arrabaldes, há 37 salas consagradas a este trabalho evangélico, e o Sr. Mac All providencia sobre o funcionamento de todas elas. Que é que produz *tamanha diferença* entre os *efeitos da pregação* em Paris e no Rio de Janeiro? Depende da preparação do espírito, expectação da alma, atenção da mente – de maneira que podem duas pessoas estar sentadas no mesmo banco: uma ouve, vê e sente a verdade espiritual e realiza a presença de Jesus no meio da reunião; outra, nada ouve, nada vê, nada sente e não realiza a presença do Salvador. E a vós que por ventura, estais assim cego, surdo, com as mentes entorpecidas acerca das coisas espirituais que sentis que não tendes gosto pelo alimento celeste nem gozo na presença de Jesus – venho eu aconselhar-vos, como amigo e como pastor, a que desperteis desse indiferentismo e peça a Deus que sejas curado dessa cegueira e surdez, e que o seu Santo Espírito opere em vós a grande transformação, de modo que possa unir-se aos outros em render graças e louvores ao Senhor, e que viva, não somente nas reuniões aos domingos, mas também em vossos trabalhos – todos os dias e em todos os lugares – como pessoas amigas de Jesus, servos seus e companheiros verdadeiros (ROCHA, 1957, p. 326).

Na qualidade de missionário, ele buscava comunicar aos seus companheiros a movimentação religiosa protestante nos países por onde passava. E, como podemos perceber na carta acima citada, procurava fazer comparações, em busca do progresso do Protestantismo no Brasil.

Robert Reid Kalley faleceu em janeiro de 1888, aos 79 anos de idade, acometido por uma parada cardíaca. Após o ocorrido, Sarah Pouton Kalley enviou uma carta aos membros da igreja carioca e pernambucana no Brasil. Na qual, relatava a respeito dos últimos momentos de vida do missionário:

[...] A tarde, fui avisada de que ele estava sentindo uma dor no coração. Tendo ele, antes sofrido da mesma maneira, julguei que a dor fosse causada por algum alimento ingerido. [...] Ah! Meus amigos! Ele pouco podia falar e mesmo assim, entrecortadamente! Todavia orava por vós: Senhor abençoa teus servos no Brasil! Senhor abençoa tua obra em suas mãos! Senhor abençoa os crentes em Pernambuco! [...] Obrigado, querida mulher! Tens-me ajudado muito! [...] No dia 24, houve o enterro – muitíssimo solene. Grande número de estudantes que o haviam conhecido, acompanharam-nos ao Cemitério de Deam, na cidade. Em caminho reuniram-se em uma grande sala mais de quatrocentas pessoas, para ouvirem as palavras do nosso amigo Reverendo Hudson Taylor. Creio que a mensagem dará fruto (ROCHA, 1957, p. 375-376).

No ano de 1874, dois anos antes de deixar definitivamente o Brasil, em uma das cartas de sua lavra, Robert Reid Kalley ressaltou que interromperia sua missão no país devido à fragilidade da sua saúde, e descrevia ainda que, se acaso fosse 20 anos mais novo abraçaria a causa “[...] com presteza, num campo hoje tão promissor e esperançoso para os lavradores evangélicos!” (ROCHA, 1957, p. 80).

CAPÍTULO 3. A ESFERA EDUCACIONAL COMO ESTRATÉGIA DE ATUAÇÃO

3.1 Fragmentos acerca da instrução escolar no Brasil Oitocentista e a intervenção do missionário Robert Reid Kalley no campo educacional

Dentre as diversas características eminentes da história e historiografia da Educação Brasileira do século XIX¹³, realço as Escolas Domésticas, caracterizadas a partir de um modelo de ensino individual em que o professor instruía um aluno por vez. Elas funcionaram em ambientes domésticos, nas casas de professores ou de fazendeiros.

Sobre as escolas domésticas, Faria Filho (2000, p. 45) aponta que:

Temos indícios de que a rede de escolarização doméstica, ou seja, de ensino e aprendizagem da leitura, da escrita e do cálculo, mas sobretudo daquela primeira, atendia a um número de pessoas bem superior ao da rede pública estatal. Essas escolas, às vezes chamadas de particulares outras vezes de domésticas, ao que tudo indica, superavam em número, até bem avançado no século XIX, aquelas cujos professores mantinham um vínculo direto com o Estado.

Outra característica que marcou a instrução do século XIX diz respeito à dessemelhança do processo educacional oferecido para homens e mulheres, de modo que o público feminino alcançou o direito à educação escolar tardiamente em relação aos homens. Além disso, as mulheres foram submetidas a diferentes restrições, como, por exemplo, a distinção e redução de disciplinas cursadas para as moças em que se priorizava uma educação orientada para atuar no espaço doméstico; outro problema foi o preconceito enfrentado quando conquistaram espaço fora do âmbito doméstico, entre os quais a atividade docente.

Uma das conquistas de desenvolvimento no âmbito educacional foi a adoção do método intuitivo nas escolas públicas brasileiras, utilizado antes mesmo nas escolas protestantes. A então Província de São Paulo destacou-se como precursora do plano educacional protestante no país, com a instalação da Escola Americana de São Paulo, em 1870 – atualmente, Universidade Presbiteriana Mackenzie.

¹³ Tencionei por destacar algumas das modalidades de organização escolar decorrentes do século XIX. Todavia, para obter maiores informações ver Carla Simone Chamon (2008); Diana Gonçalves Vidal (2005); Luciano Mendes de Faria Filho (2000), Rosa Fátima de Souza (1998), entre outros.

Em fins do século XIX, a Província de São Paulo tornou-se palco de modernização escolar influenciada, principalmente, pelos métodos de ensino de modelo norte-americano, como destacou Hallewell (1985, p. 209):

As missões protestantes norte-americanas já se haviam tornado ativas na educação brasileira, e uma de suas realizações mais notáveis foi a Escola Americana, escola primária anexa ao Colégio Mackenzie de São Paulo. O governador Prudente de Moraes ficou tão impressionado com os métodos utilizados nessa escola que, em 1890, solicitou ao diretor, Dr. Horace M. Lane, que recrutasse um pequeno grupo de professoras norte-americanas para o sistema escolar de São Paulo.

O método intuitivo surgiu na Alemanha no final do século XVIII e, durante o século XIX, foi adotado em países como os Estados Unidos e o Brasil. A adoção do método tinha por intenção facilitar o processo de ensino-aprendizagem dentro das escolas, posto que a observação e a utilização dos sentidos possibilitariam o aprendizado, de modo a valorizar o experimento e a construção do conhecimento realizados pelos alunos.

Gilberto Luiz Alves (2011, p. 281), ao abordar sobre a escola moderna brasileira em finais do século XIX e início do século XX, evidenciou que:

Quando a Reforma Protestante proclamou, pela vez primeira na história, a necessidade de educação para todos, anunciou o fim da relação educativa entre preceptor e discípulo. Em face desse anúncio, os educadores protestantes, mais do que quaisquer outros, foram os principais responsáveis pela elaboração de uma nova proposta de relação educativa.

No final do século XIX, mais precisamente no ano de 1893, surgiram em São Paulo os Grupos Escolares ou Escolas Graduas, que se configuraram como responsáveis por um novo modelo de organização escolar na época. Uma das características dessa modalidade foi reunir as escolas isoladas existentes e organizá-las num sistema de turmas seriadas, as quais:

Tratava-se de um modelo de organização do ensino elementar mais racionalizado e padronizado com vistas a atender um grande número de crianças, portanto, uma escola adequada à escolarização em massa e às necessidades da universalização da educação popular. [...] a escola unitária foi, paulatinamente, substituída pela escola de várias classes e vários professores, o método tradicional cedeu lugar para o método intuitivo, a mulher encontrou no magistério primário uma profissão, os professores e professoras tornaram-se profissionais da educação (SOUZA, 1998, p. 20 – 21).

A instrução no Brasil durante o século XIX configurou-se em diversas modalidades de ensino, a exemplo das Escolas Primárias, Escolas Secundárias, Escolas Normais, instituições de Ensino Superior e de Ensino Técnico. Este passou a ser oferecido pelo Curso Comercial do Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, a partir do ano de 1882.

Jorge Carvalho do Nascimento afirmou que:

Foram iniciativas do Segundo Império a criação das escolas de comércios do Rio de Janeiro e de Pernambuco, em 1864, e das escolas agrícolas criadas no mesmo ano no Rio de Janeiro, Pará, Maranhão, Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Norte (NASCIMENTO, J. 1999, p. 35).

Nesse período, Robert Reid Kalley desempenhava no Rio de Janeiro, atividades como educador, organizando espaços educacionais, a fim de aliar a aprendizagem da leitura e escrita ao conhecimento do cristianismo. Juntamente com o apoio de sua esposa Sarah Pouton Kalley, iniciou a atividade educacional em espaços domiciliares. Desejando educar as pessoas – independentemente de serem crianças, jovens ou adultos – para alcançar, por meio da erudição, a evangelização de homens e mulheres, forjando uma cultura “legítima”, o Protestantismo.

O domínio na esfera religiosa se tornou, para Robert Reid Kalley, algo de grande anseio, de modo que, se encontrava envolvido numa relação de dependência num espaço próprio de outrem, onde os desafios tornavam-se inevitáveis, em meio a um campo de disputas por interesses políticos, econômicos, religiosos, entre outros.

Para Pierre Bourdieu (2003, p. 119 – 120), o campo apresenta-se como:

Espaços estruturados de posições (ou de postos) cujas propriedades dependem da sua posição nesses espaços e que podem ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes. [...]. Em qualquer campo descobriremos uma luta, entre o novo que entra e tenta arrobar os ferrolhos do direito de entrada e o dominante que tenta defender o monopólio e excluir a concorrência. A estrutura do campo é um *estado* da relação de força entre os agentes ou as instituições envolvidas na luta.

Pierre Bourdieu (2003) defende que, para manter-se num sistema em que a relação dependerá de elementos em disputas, é necessário acolher as leis imanentes do jogo, para tornar-se capaz de galgar novas ideias e ganhar certa notoriedade, de modo a agir como um interventor das decisões internas.

Assim sendo, para alcançar grande número de cristãos, o objetivo primordial da ação de Robert Reid Kalley era a busca de meios para se tornar um homem público e, desse modo,

afiançou vínculos de amizade com pessoas influentes, adotando medidas perspicazes para alcançar o sucesso do plano de reforma na história religiosa brasileira, uma vez que ora agia como médico, ora como evangelizador, além de educador e escritor.

A inteligibilidade adquirida por Robert Reid Kalley durante sua formação escolar e acadêmica, unida ao conhecimento religioso apreendido como um protestante, possibilitaram-lhe valer-se de habilidades para operar como um educador religioso, fosse na IEF, nas Escolas Dominicais ou por meio dos seus escritos, de modo a conformar um conjunto de disposições propensas para formar futuros protestantes.

A ação educacional desempenhada por Robert Reid Kalley no Brasil, teve como base a experiência vivida na Ilha da Madeira, no Brasil ele organizou a Escola Dominical, ou Escola Bíblica Dominical, e apoiou a organização de Escolas Primárias. Permitiu circular diversos impressos, dentre os quais, os catecismos que também serviram como meio de divulgação do Protestantismo, esses livros eram impressos em Lisboa e vendidos no Brasil.

Com o resultado da Escola Dominical, a partir do ano de 1867, o trabalho foi direcionado à organização de uma Escola Primária. Esse tipo de escola também funcionou ao lado da igreja e, assim como a Escola Dominical, era mantida por membros da IEF. Porém, as atividades da Escola Primária eram, por diversas vezes, interrompidas. Dentre os motivos, apontava-se o número reduzido de alunos e a escassez de recursos necessários para o pagamento de salários dos professores, como também para a compra de material didático.

A Escola Dominical, assim como a Escola Primária organizada pelos protestantes, funcionou como um espaço educacional de característica *extraescolar*, marcada pelas “prerrogativas que são próprias à escola como agência educativa e aquelas que estão em outros espaços, outras agências de Educação organizadas pelas práticas da vida social” (NASCIMENTO, J., 2008, p. 8).

Organizada fora dos muros das escolas convencionais, a primeira Escola Primária surgiu quando:

Bernardino Russell acompanhado de sua esposa Isabel, se ofereceram para estabelecer uma Escola Primária, se o doutor aprovasse essa ideia. A escola foi aberta, e funcionou por muitos anos na residência do casal, por um processo irregular de ensino primário, associado ao desempenho dos deveres domésticos (ROCHA, 1944, p. 283).

Aprovada por Robert Reid Kalley, a escola funcionou como uma maneira de enfrentar a dificuldade dos protestantes para matricularem os filhos nas escolas existentes da época,

pois, quando recebidos, teriam que estudar ensinamentos referentes à doutrina católica. Assim como outros filhos de protestantes, João Gomes da Rocha, quando criança, estudou na Escola Primária organizada pelo casal Russell.

No Rio de Janeiro, as Escolas Primárias funcionaram em Niterói e em Cascadura. Para que as crianças pudessem ingressar nelas, era necessário submeter-se a um exame seletivo, em que as matérias exigidas eram: “Literatura, Escrita (ditado), Gramática, Aritmética (compreendendo frações ordinárias, sistema métrico e problemas), Geografia, Catecismo, Música e Costura” (ROCHA, 1957, p. 91). Outra característica dessas escolas eram as festas e as premiações para os alunos mais distintos.

A Escola Dominical foi organizada em Niterói e em Teresópolis, sendo que em Teresópolis as atividades funcionaram até o ano de 1874. Enquanto que em Niterói, a escola funcionou até meados da década de 80, anexa à IEF, sob a supervisão do pastor João Manuel Gonçalves dos Santos. Era organizada por classes seriadas e composta por um grupo docente e administrativo. Nela havia também sessões de aperfeiçoamento dos professores, preparo das atividades e reuniões com a participação do pastor Robert Reid Kalley, quando se encontrava no Brasil.

É possível que tenha existido uma Escola Dominical na Igreja Evangélica Pernambucana, mas não foram encontrados dados consistentes para sustentação dessa hipótese.

O trabalho pela educação institucionalizada prosseguiu e, em junho de 1872, foi organizada uma nova Escola Primária, a “Escola Evangélica Fluminense”, também sob a administração do pastor João Manuel Gonçalves dos Santos, com atuação docente do cristão Antônio Pedro de Almeida. Essa escola teve atividade interrompida em novembro de 1878, sendo reaberta três anos depois.

Robert Reid Kalley também influenciou na formação do filho adotivo João Gomes da Rocha, que se diplomou em Medicina no ano de 1887. Ainda criança, João Gomes da Rocha foi entregue por seu pai biológico para adoção, um homem de classe pobre, que prestava serviços de manutenção na residência do casal Kalley. Ao casal estrangeiro, o homem pobre confiou a guarda do seu filho João, apostando que o garoto pudesse ter uma boa educação.

No que diz respeito à educação escolar existente na Província do Rio de Janeiro entre as décadas de 50 e 60 do Oitocentos, João Gomes da Rocha apontou que:

A educação no município da Côrte não mostrava muito adiantamento. O Estado mantinha 26 escolas primárias, sendo 17 para meninos, com 909 alunos e 9 para meninas, com 555 alunas. A instrução particular era dada em 97 casas, das quais 51 eram para meninos, com 2.864 alunos e 46 para meninas, com 1.626 alunas. Havia também algumas escolas secundárias e academias com um total de 300 estudantes (ROCHA, 1941, p. 26).

Posteriormente, alguns fatores contribuíram para o avanço dessa situação, pois influenciados pelos moldes norte-americanos de educação, com a atuação de liberais num meio político, organizações de escolas e com o movimento republicano em defesa da educação para todos, melhorias foram alcançadas no processo educacional brasileiro.

No mesmo ano em que chegou ao Brasil, a primeira incursão de âmbito educacional dirigida por Robert Reid Kalley foi o modelo de Escola Dominical. O propósito dessa intervenção centrava-se em ensinar aos alunos através da palavra impressa, em defesa da necessidade de educar as pessoas para elas terem acesso à leitura dos textos bíblicos – fosse por intermédio de catecismos, folhetos compostos por pequenos textos extraídos da Bíblia, fosse através da Bíblia integral.

Esse tipo de organização escolar teve origem na Inglaterra, fundada por Robert Raikes em 1781:

Foi o inglês Robert Raikes, jornalista, cujo pai fora diretor do jornal *Gloucester Journal* que impressionou-se com a quantidade de meninos de rua, em sua cidade, no início da era industrial por volta de 1780. Começou ele, então, a reunir esses meninos aos domingos, e a ensinar-lhes princípios morais, civismo e religião. A princípio reunia-se nas praças, depois passou a levá-los para os templos, em horários que não afetassem os trabalhos normais da igreja. [...] Assim surgiu a Escola Dominical em fins de 1781, e muito rapidamente espalhou-se por toda a Inglaterra, Estados Unidos e hoje, por todo o mundo (BEDA, 1993, p. 135).

Segundo Costa (2010, p. 4), a primeira Escola Dominical no Brasil teve origem em 1836, por iniciativa do metodista Justin Spaulding. Mas, devido às dificuldades encontradas para estabelecer-se num país cuja força religiosa estava em poder da Igreja Católica, tal iniciativa não obteve longa duração. Perseguido, Justin Spaulding logo deixou o Brasil e retornou aos Estados Unidos.

No Brasil, esse modelo pedagógico foi organizado de forma definitiva por Robert Reid Kalley, prática educacional resistente até a atualidade, nas diversas igrejas protestantes – é certo que de maneira ajustada às mudanças e necessidades atuais.

A Escola Dominical no Brasil possibilitou a inserção e o incentivo de práticas de leitura a diversas classes da sociedade, assim como a inclusão e participação de escravos tanto na Escola Dominical, quanto nas reuniões de cultos domésticos. A classe dos escravos era dirigida por Robert Reid Kalley e, para frequentar as aulas, eles abandonavam o trabalho aos domingos, gerando grandes problemas com seus patrões que não apoiavam tal atitude.

Ressalto que, neste trabalho, a Escola Dominical é compreendida como um modelo de *forma escolar*, que diz respeito ao “produto de práticas de apropriação de modelos pedagógicos entendidas como práticas de transformação de matérias sociais específicas” (CARVALHO, 2003, p. 343).

Com o passar dos anos, ela foi se modificando e o quantitativo de alunos¹⁴ crescendo, originando outras escolas dominicais. Superintendentes, diretores e professores formaram o corpo docente e administrativo das escolas.

As atividades de ensino, as reuniões de cultos e a propagação dos impressos serviram como estratégias para alcançar o principal objetivo, que era conformar as ideias do cristianismo protestante no estrangeiro. Tais atitudes ascenderam a criação e o funcionamento de igrejas e escolas. Segundo Nascimento (2007a, p. 18), até 1934, existiam 3.912 escolas dominicais com 14.832 professores e 166.164 alunos.

No que se refere ao planejamento didático, a professora Sarah Pouton Kalley narrou uma aula da Escola Dominical fluminense, com data de 17 de novembro de 1867, em que afirmava:

Primeira classe dominical, oito alunos estavam presentes. Cantamos o hino 46 e recitamos a “Oração de uma criança” (pag. 21 das “Curtas Orações” – Ed. de 1861). Aprenderam o verso 9 de 1º Paralipom. 28. Dei-lhes, para decorarem em casa o verso 26 do hino 25. Cantamos o hino 41 e, em seguida oramos (“Uma oração curta e poderosa” pag. 22). Ensinei uma parte da história de Zaqueu (Lucas: 19). Cantamos o hino 73, e oramos o “Pai Nosso”, em conclusão. No domingo seguinte compareceram 15 alunos, e a frequência foi aumentando, chegando a matrícula em pouco tempo, a 34 alunos (ROCHA, 1944, p. 323).

As aulas eram gratuitas e a escola recebeu o nome de “dominical” por funcionar aos domingos. Suas atividades eram elaboradas pelo casal Kalley e os custos financiados por membros da IEF. Robert Reid Kalley, mediador dessa intervenção educativa, preparou e

¹⁴ A Escola Dominical teve início em 1855, com aproximadamente duas ou três crianças do sexo feminino. Posteriormente, no ano de 1868, a classe dirigida por Sarah Pouton Kalley contava com 21 alunos de ambos os sexos.

publicou “O Catecismo Histórico”, cujos textos resultavam do Velho e Novo Testamentos, aplicando-os como material didático da Escola Dominical, os quais passaram a ser adotados, no ano de 1879, pela Instrução Pública do Rio de Janeiro, nas escolas primárias daquela Província. Então, Robert Reid Kalley enviou cem exemplares para serem distribuídos entre os professores.

Dentre as atividades desenvolvidas nas escolas dominicais, havia o canto de hinos sagrados, preparados pelo casal Kalley, que, após reuni-los, deu forma ao livro “Salmos e Hinos”, publicado em 1855, em Londres. No Brasil, foi publicado pela primeira vez em 1861, e depois em 1865 pela Tipografia Laemmert.

De acordo com Laurence Hallewell (1985, p. 160), na época, essa tipografia apresentava-se como uma das principais casas editoras brasileiras. Outra informação importante, talvez para entender a opção por essa tipografia, é que seus fundadores, os irmãos Eduard Laemmert e Heinrich Laemmert, eram filhos de um protestante.

No ano de 1874, o tipógrafo e protestante Heinrich Laemmert enviou uma carta a Robert Reid Kalley com um livrinho traduzido do original em alemão para o português. Na epístola, explicitava que ansiava publicar o livro e afirmava que:

A minha obrinha – traços históricos e pontos principais de divergências entre as igrejas evangélicas e as católicas, depois de várias interrupções acha-se finalmente composta, mas não quero mandar imprimi-la sem submetê-la a sua apreciação, pois fazendo as observações que teve a bondade de fazer-me há algum tempo, desejava que o conteúdo dessa obrinha não fosse contrário as suas ideias, porquanto seria de péssimo efeito ao Protestantismo, e eu preferia então renunciar a publicação da obra, que aliás estou certo, poderá prestar algum serviço a nossa causa esclarecendo ao público geralmente tão ignorante a respeito da nossa religião. [...] Chamo a sua atenção principalmente para as páginas 39 e 40 – artigo ‘Comunhão’ – rogando-lhe fazer aquelas modificações que acaso julgar necessárias. [...] Fiquei muito aliviado por ler hoje, no Jornal do Commercio, a sua declaração de que há esperança de que o Governo Imperial substitua o seu representante (o chefe de polícia do Rio de Janeiro), que manifestamente desrespeitou a lei fundamental. Deveria até ser responsabilizado e punido (ROCHA, 1957, p. 78).

Na carta acima, quando Heinrich Laemmert falou em “desrespeitar a lei fundamental” é provável que estivesse se referindo à liberdade religiosa afirmada na lei brasileira.

Robert Reid Kalley ocupava-se também em enviar cartas para os crentes e, por meio delas, tratava a respeito da doutrina protestante e, além disso, procurava auxiliar os pais na difícil tarefa de educar os filhos. Em março de 1868, ele escreveu:

Meus queridos irmãos:

Vocês sabem mais ou menos o que Deus fez na Ilha da Madeira, há vinte e tantos anos, a saber – que muita gente aceitou o Evangelho, e era um grande gosto ver o amor que tinham umas para com os outros e a alegria com que encaravam o escárnio, a violência, as perdas, as prisões, por causa da verdade. Sabem que depois sobreveio uma perseguição tão forte que muitos crentes foram obrigados a deixar tudo que tinham e fugir da Pátria. Nestes vinte e dois anos que decorreram desde aquele tempo, uma grande parte dos refugiados morreu, mas ainda restam muitos nos Estados Unidos, e nas Antilhas. Recebi a poucos dias de um deles, uma carta que fala dos filhos dos refugiados, desta forma: é horroroso ver a nossa mocidade! Parece que os filhos dos irlandeses romanos nesta terra, são muito mais bem ensinados e mais civilizados do que alguns da nossa mocidade, porque os pais se esquecem dos filhos, enquanto são pequenos, esperam que cresçam para então (!) os ensinar e encaminhar nas veredas de Deus, mas quando estão grandes não se importam com os conselhos dos pais! Eis uma lição tirada da experiência e um aviso solene dado pela providencia divina para vocês que são pais. Deus vos tem dado filhos, para educá-los para ele, e ele tomará conta sobre a maneira como trabalharem nesse propósito. Devem, pois, principiar muito cedo a EDUCAÇÃO RELIGIOSA das crianças (ROCHA, 1946, p. 27).

Como ocorreu em outros países, em Portugal também existiram Escolas Dominicais no mesmo período em que houve no Brasil, mas sem maiores vínculos com a deste país. Posteriormente, com o crescimento do Protestantismo no Brasil, foram surgindo diversas escolas dominicais em diferentes igrejas.

3.2 Circulação de impressos protestantes: difusores de práticas religiosas e educacionais

A utilização do material impresso caracterizou uma ação educativa, pois, assim como as escolas, os impressos serviram de veículos condutores de saberes. O uso dos impressos protestantes extrapolou a área religiosa, uma vez que eles foram utilizados também como livros didáticos nas escolas protestantes e públicas, servindo como material pedagógico para alfabetizar os alunos como “dispositivos através dos quais os indivíduos visam impor determinadas representações do grupo social em que se encontram inseridos” (NASCIMENTO, E., 2007a, p. 23).

O impresso foi um importante recurso para a expansão do Protestantismo, tendo a clareza de sua função como espaços de divulgação e circulação de ideias, inculcando novas formas de pensar e agir, além de novos costumes sociais.

Concordo com Jacques Le Goff (1984, p. 103), ao afirmar que:

O documento não é inócuo. É antes de mais o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio.

Nessa perspectiva, os impressos são compreendidos neste estudo como monumentos por terem criado novas formas de pensar e agir incorporadas e difundidas por diversas pessoas envolvidas com o Protestantismo, formando novos grupos sociais, emergindo novos paradigmas e, conseqüentemente, influenciando novas formas de compreender as relações religiosas e sociais.

Fazendo referência às considerações de Nobert Elias (1994b), entendo que a utilização da palavra impressa deu representatividade a uma sociedade que:

Procura descrever a que lhe constitui o caráter especial e aquilo de que se orgulha: o nível de *sua* tecnologia, a natureza de *suas* maneiras, o desenvolvimento de *sua* cultura científica ou visão do mundo, e muito mais (ELIAS, 1994b, p. 23).

No Rio de Janeiro, assim como em outras localidades como a Bahia e Pernambuco, a Bíblia teve ampla aceitação do público, certamente devido à “boa qualidade de impressão, pequeno tamanho e baixo preço são vendidas com grande facilidade” (FORSYTH, 2006, p. 150).

Ao analisar a respeito da prática de leitura no Brasil durante a segunda metade do século XIX, Marlyse Meyer (2005, p. 55) verificou que:

No que diz respeito ao conjunto da população, o analfabetismo reina, mas alguns hábitos de leitura vão se adquirindo, não só com os romances, mas também com as Bíblias introduzidas pelos pastores protestantes em meados do século XIX.

A propagação de impressos protestantes no Brasil deu-se principalmente em meados do século XIX, através de membros da BFBS, fundada em 1804, e da Sociedade Bíblica Americana, fundada em 1816. A difusão das ideias protestantes tornou-se possível ainda por meio do trabalho de exportações, de forma que as Sociedades Bíblicas contaram com a ajuda de portadores, comandantes de navios, agentes, colportores, tipógrafos, entre outros comerciantes, que, do mesmo modo, vendiam os impressos, expandindo o serviço de divulgação.

No período de 1842 a 1853, a ABS fez circular, no Brasil, cerca de 600 Bíblias e 900 Novos Testamentos – sendo que, em 1850, a BFBS enviou 200 Novos Testamentos em alemão para Petrópolis e, no ano seguinte, 1.000 Bíblias para o Rio de Janeiro e 36 Bíblias para a Bahia (ROCHA, 1941, p. 20 – 21).

As sociedades bíblicas são compreendidas como associações voluntárias (WEBER, 2002); ou seja, o mesmo que instituições não governamentais compostas por integrantes que defendem ideais semelhantes, objetivando alcançar um mesmo fim. Entre os integrantes das sociedades bíblicas, além dos agentes e colportores¹⁵, estiveram os superintendentes, tesoureiros, entre outros. Robert Reid Kalley agiu como agente representante da BFBS.

É importante destacar que as Sociedades Bíblicas eram compostas principalmente por integrantes que ficaram conhecidos como agentes e colportores, os quais se tornavam responsáveis pelo trabalho de difusão dos impressos protestantes no país em que se instalavam. Os colportores também conhecidos como:

Mascate ou vendedor ambulante de impressos, é uma das figuras presente na História da Educação, agente de difusão de saberes existentes e de práticas que serão clivadas pelos leitores após os usos feitos com o impresso (NASCIMENTO, E., 2007a, p. 7).

Durante a semana, o colportor realizava longas caminhadas, deslocava-se para as residências, com a finalidade de expor o material e oferecer informações sobre o evangelho. Deveria ainda observar a cidade mais apropriada para futuras instalações de igrejas e escolas protestantes, além de apresentar relatórios referentes à venda dos impressos para o seu agente. Quando se deparavam com pessoas analfabetas, estrategicamente, ofereciam o envio de um professor missionário, para ensiná-las a ler; dessa forma, posteriormente, poderiam adquirir os impressos.

O agente tinha nível superior e era o representante responsável no país em que desenvolvia a atividade de distribuição dos impressos. O vendedor ambulante, ou colportor, como ficou conhecido no Brasil, geralmente tinha formação primária e era responsável pela exposição e venda dos impressos, mantendo contato direto com a população.

O quadro 2 apresenta o nome e local de atuação de alguns vendedores ambulantes de impressos protestantes que atuaram no período de 1855 a 1875, inicialmente sob a direção de

¹⁵ O mascate carregava sempre consigo uma sacola ou cesta comprida, aberta a sua frente, pendurada no pescoço, com almanaques, livros e folhetos. Por causa dessa sacola portátil ao pescoço, foi que os franceses denominaram-no de *colporteur* (NASCIMENTO, E., 2007a, p. 8).

Robert Reid Kalley, e posteriormente, sob a supervisão do agente João Manuel Gonçalves dos Santos.

QUADRO 2. COLPORTORES E ÁREA DE ATUAÇÃO (1855-1884)

COLPORTORES	ÁREA DE ATUAÇÃO
Antônio Marinho da Silva	Pernambuco
Antônio Patrocínio Dias	Pernambuco, Vitória (ES) e Portugal
Bernardino de Oliveira Rameiro	Rio de Janeiro
Francisco da Gama	Rio de Janeiro
Francisco de Souza Jardim	Pernambuco e Rio de Janeiro
Felix M. Ferreira	Porto Alegre (RS) e Cachoeira (BA)
Guilherme D. Pitt	Rio de Janeiro e São Paulo
Joaquim José da Silva	Alagoas e Sergipe
João Antonio de Menezes	Pernambuco
João Menezes	Bahia, Pernambuco e Maranhão ¹⁶
João José da Costa	São Paulo
José Pereira de Souza Louro	Magé, Petrópolis (RJ) e Minas Gerais
Manuel de Souza Jardim	Rio de Janeiro
Manuel Fernandes	Rio de Janeiro
Manuel José da Silva Viana	Maceió (AL), e Bahia
Manuel P. Cunha Bastos	Minas Gerais
Pedro Nolasco de Andrade	Sergipe

Fontes: ROCHA, João Gomes da. **Lembranças do Passado**. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Publicidade Ltda, V. 1, 1941. ROCHA, João Gomes da. **Lembranças do Passado**. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Publicidade Ltda, V. 2, 1944. ROCHA, João Gomes da. **Lembranças do Passado**. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Publicidade Ltda, V. 3, 1946. ROCHA, João Gomes da. **Lembranças do Passado**. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Publicidade Ltda, V. 4, 1957.

Torquato Martins Cardoso atuou na Província de Sergipe e Tomaz Gallart nas províncias de Sergipe, Bahia e Rio de Janeiro, ambos desenvolveram o trabalho de colportagem sob a direção do agente da BFBS, Richard Holden.

A respeito do trabalho de colportagem em Portugal, destaco os nomes de Manuel Francisco da Silva, Manuel Vieira de Souza e João de Freitas¹⁷ – vendedores que estiveram sob a supervisão do casal Roughton.

Aqueles que trabalhavam para Robert Reid Kalley recebiam em média 50\$000 (cinquenta mil réis) por mês correspondente a uma hora de trabalho diário. Entretanto, quem trabalhasse mais de uma hora por dia, receberia 60\$000 (sessenta mil réis) e, por todo o dia,

¹⁶ No mês de janeiro de 1884, vendeu na Província do Maranhão cerca de 200 impressos.

¹⁷ Em carta dirigida a Robert Reid Kalley, no ano de 1867, João de Freitas declarou que recebia seis libras por mês.

80\$000 (oitenta mil réis). Os vendedores tinham por obrigação fazer um relatório diário, bastante minucioso, para apresentar semanalmente ao seu agente. Registravam datas, locais por onde passavam, títulos e quantidade de impressos vendidos ou distribuídos de forma gratuita. Deviam descrever a cidade visitada, seu comércio, a presença da Igreja Católica e os prováveis pontos de fixação. Se o chefe estivesse ausente, o documento deveria ser enviado semanalmente pelos Correios, de modo que o agente acompanhasse todo o movimento de seus subordinados (NASCIMENTO, E., 2007a).

Em 1874, o agente Robert Reid Kalley enviou para a BFBS a quantia de 352\$100 (trezentos e cinquenta e dois mil e cem réis) referente à solicitação de 86 Bíblias e 350 Novos Testamentos, que havia requerido para vender no Brasil.

Ele preparou e imprimiu folhetos para circulação, tais como: “A Cobra de Bronze”, “O Remédio Eficaz para os doentes mais desesperados”, “O grande jantar”, “O dia de Natal” e “O pecado e seu remédio”. Com sua esposa, Sarah Pouton Kalley, traduziu o livro “O Peregrino”, original de João Bunyan, publicando-o no jornal “Correio Mercantil”. Além desse título, publicou também em forma de livro “Jesus e Maria” e “Salmos e Hinos” para serem utilizados nos cultos domésticos, igrejas e escolas protestantes. Preparou ainda um livreto intitulado “Ano bom”, destinado para os habitantes do Rio de Janeiro e Pernambuco.

No ano de 1856, Robert Reid Kalley enviou para o colportor e amigo, Francisco da Gama, uma caixa com impressos, em que constavam 12 Bíblias, 48 Novos Testamentos e 10 folhetos da “Divina Autoridade”, texto parcial do Novo Testamento. Após vender as Bíblias recebidas, Francisco da Gama solicitou novamente mais exemplares, enquanto que Robert Reid Kalley esperava tais impressos chegarem da Inglaterra. Nesse mesmo ano, o colportor Francisco da Gama recebeu mais 51 Novos Testamentos para serem vendidos na capital do Império.

Em 1858, foram enviados à cidade sergipana de Laranjeiras 300 folhetos da “Divina Autoridade”, seis impressos sobre a Bíblia, 20 sobre o Novo Testamento, 20 exemplares da “Viagem do Cristão” e mais 160 folhetos não especificados.

Pensando na perspectiva do método indiciário apontado por Carlo Ginzburg (2006), percebo que, a partir dos títulos dos impressos mencionados, a maior preocupação estava relacionada em levar para a população o saber religioso protestante e, com isso, evangelizar as pessoas que a eles tivessem acesso. Além disso, os números anunciados demonstram os resultados da firmação da leitura de cunho religioso, assim como do desenvolvimento do Protestantismo no Brasil Imperial.

No que diz respeito aos motivos pelos quais os impressos eram encomendados fora do território brasileiro, possivelmente, deviam-se, entre outros fatores:

A escassez de trabalhadores qualificados – particularmente a ausência quase total do trabalhador alfabetizado – e o alto custo do equipamento e suprimentos importados, [...], significam que o material impresso localmente jamais poderia competir, em preço, com o trazido da Europa (HALLEWELL, 1985, p. 15).

Nessa perspectiva, Robert Reid Kalley encomendou 800 exemplares dos folhetos “Divina Autoridade” e “Quero ter” à Livraria da Rua das Janelas Verdes, de Lisboa, para comercializá-los no Brasil; preparou também o folheto “Viagem do Cristão” para ser publicado em Londres, satisfazendo assim o desejo de muitos leitores do jornal Correio Mercantil. As Bíblias, livretos e livretos protestantes, solicitados por Robert Reid Kalley para circulação no Brasil eram, em grande parte, impressos na Inglaterra e em Portugal. Posteriormente, no final da década de 60, as Bíblias passaram a ser impressas também pela tipografia Garnier.

Em 1864, Robert Reid Kalley escreveu para o Sr. Bergue, secretário da BFBS, para apresentar-lhe o resultado de 285 Bíblias e 607 Novos Testamentos vendidos no Brasil, referentes ao período de oito meses de intervenção. Três anos depois, realizou novo pedido de impressos solicitando a essa sociedade bíblica:

76 Bíblias (edição de Lisboa), 35 Bíblias (edição de Londres), 1 Bíblia francesa, 1 inglesa, 239 Novos Testamentos (edição de Londres), 1 Novo Testamento (edição de Lisboa), 1 Novo Testamento francês – ao todo, 113 Bíblias e 241 Novos Testamentos (ROCHA, 1944, p. 263).

A partir da década de 50 do Oitocentos, a circulação dos impressos na Província do Rio de Janeiro cresceu de maneira expressiva, principalmente, pelo apoio que Robert Reid Kalley teve por parte de editores e tipógrafos. Em um dos relatórios publicado por João Gomes da Rocha, havia a seguinte referência: “a circulação dos exemplares é devida principalmente a dois livreiros no Rio de Janeiro, os quais tem posto anúncios em seus almanaques e se esforçam para introduzir as Escrituras nas escolas e enviá-las as cidades no interior” (ROCHA, 1941, p. 21).

Os dados do quadro 3 apresentam os tipos de impressos protestantes que circularam no Brasil entre os anos de 1856 a 1864, podendo destacar também alguns dados referentes ao remetente, destinatário ou local destinado.

QUADRO 3. CIRCULAÇÃO DE IMPRESSOS PROTESTANTES DIFUNDIDOS NO BRASIL (1856-1864)¹⁸

DATA/ANO	COLPORTOR E LOCAL	TIPO DE IMPRESSO	QUANTIDADE E TÍTULO DOS IMPRESSOS
1856	-	Livros, livretos e folhetos	200 Bíblias e cerca de 2.000 a 3.000 livretos e folhetos
09/1856	Francisco da Gama (RJ)	Livros e folhetos	12 Bíblias, 48 Novos Testamentos 10 folhetos <i>Divina Autoridade</i>
12/1856	-	Livros e folhetos	34 Novos Testamentos 45 folhetos
01/1857	-	Livros e folhetos	29 Bíblias 36 Novos Testamentos 31 folhetos
02/1857	-	Livros e folhetos	68 Bíblias 28 Novos Testamentos 33 folhetos
03/1857	-	Livros e folhetos	56 Bíblias 14 Novos Testamentos 21 folhetos
04/1857	-	Livros e folhetos	35 Bíblias 13 Novos Testamentos 22 folhetos
05/1857	-	Livros e folhetos	45 Bíblias 29 Novos Testamentos 24 folhetos
05/1857	Rio de Janeiro	Folhetos e cartilhas para as escolas	850 folhetos <i>Viagem do Christão</i> ; 1.700 folhetos <i>Três perguntas sobre a Bíblia</i> “e uma boa quantidade de cartilha (bem aceitas nas escolas), como <i>Henriquinhos</i> além de outras publicações compradas na Sociedade Americana de Tratados” (p. 53).
06/1857	-	Livros e folhetos	29 Bíblias 14 Novos Testamentos 7 folhetos
-	-	Livros e folhetos	262 Bíblias 168 Novos Testamentos 183 folhetos Distribuição gratuita de 4 Novos Testamentos e 1.076 folhetos
12/1858	Laranjeiras/SE.	Folhetos	300 folhetos <i>Divina Autoridade</i> 6 folhetos que constam na Bíblia 20 folhetos <i>Viagem do Cristão</i> 20 folhetos que constam no Novo Testamento 160 folhetos
03/1859	-	Livros e livretos	12 Bíblias portuguesas 20 Novos Testamentos dourados 20 Novos Testamentos pequenos

¹⁸ A fonte utilizada deixou algumas lacunas que impossibilitaram a precisão de alguns dados.

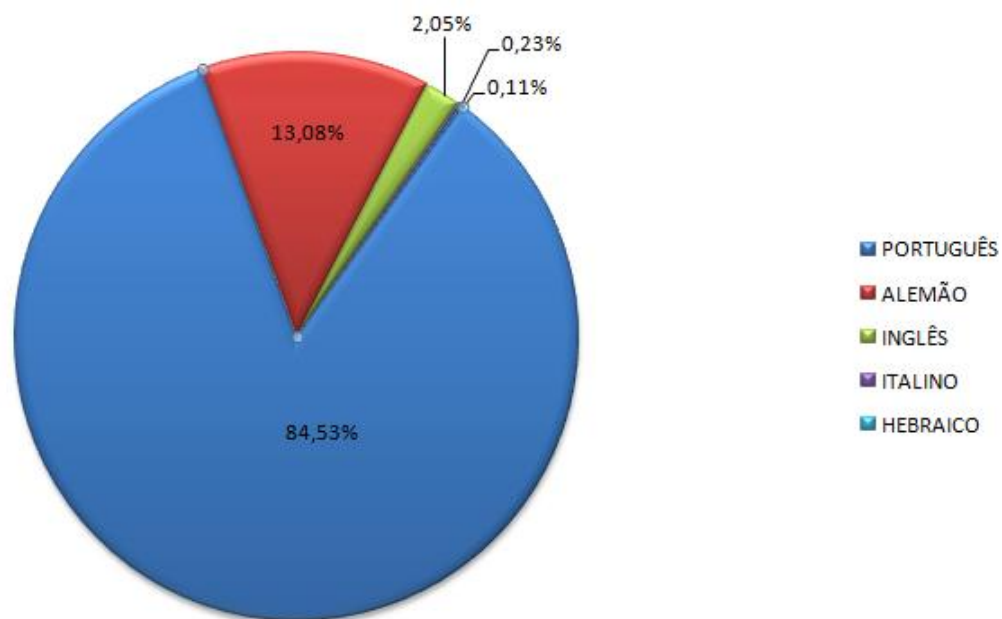
			20 Novos Testamentos ordinários 20 Bíblias alemãs e 20 Novos Testamentos alemães
01 a 06/1859	-	Livros	731 Bíblias portuguesas 95 Bíblias alemãs 18 Bíblias inglesas 2 Bíblias italianas 1 Bíblia hebraica 971 Novos Testamentos portugueses 100 Novos Testamentos alemães 12 Novos Testamentos franceses 6 Novos Testamentos italianos 10 Novos Testamentos espanhóis 1 em grego
1863 a 1864	Francisco da Gama; Francisco de Souza Jardim; Manuel Fernandes	Livros	419 Bíblias 854 Novos Testamentos

Fonte: ROCHA, João Gomes da. **Lembranças do Passado**. Vols. 1. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Publicidade Ltda, 1941.

Entre os anos de 1856 à 1864, circularam no Brasil, sob a direção de Robert Reid Kalley, aproximadamente, 2.034 Bíblias, sendo que, das Bíblias que circularam no ano de 1859, pode-se afirmar que: 743 estavam escritas em língua portuguesa; 115, em alemão; 18, em inglês; 2, em italiano; 1, em hebraico.

Observe no gráfico que segue a classificação em dados percentuais.

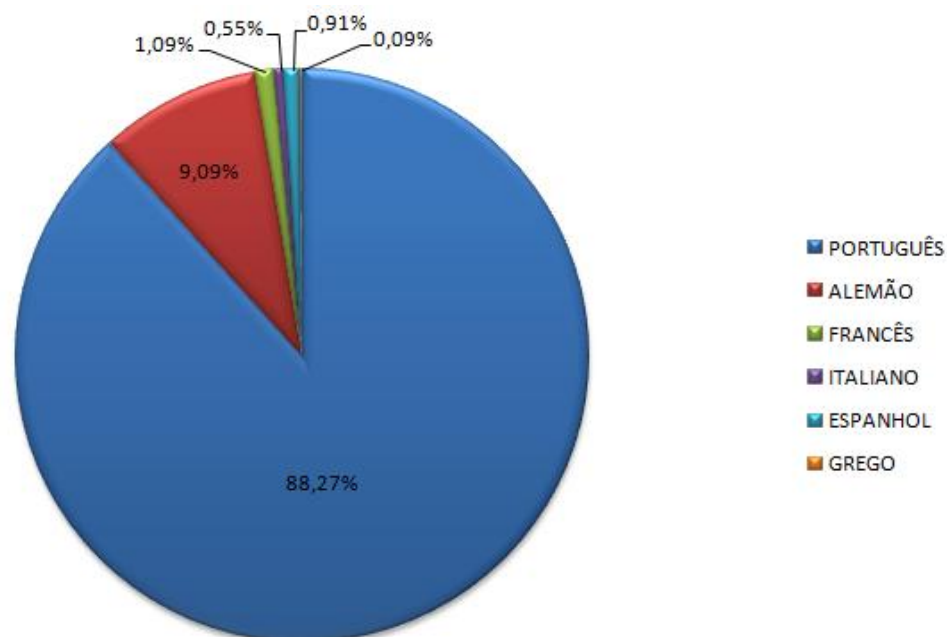
BÍBLIAS DIFUNDIDAS EM 1859



No mesmo período, foram difundidos 2.422 Novos Testamentos em diferentes idiomas, desses pode-se afirmar que, os que circularam no ano de 1859, 971, eram em português, 100, em alemão, 12, em francês, 6, em italiano, 10, em espanhol e apenas 1, em grego.

Observe a representação gráfica quanto à difusão de Novos Testamentos:

NOVOS TESTAMENTOS DIFUNDIDOS EM 1859



Após o levantamento e análise dos dados, chamou-me a atenção a quantidade de Bíblias em idioma alemão que esteve em circulação naquela época. Possivelmente, o referido percentual adveio da ampla concentração de imigrantes alemães em terras brasileiras, principalmente na província do Rio de Janeiro e na região sul do país¹⁹.

Além de Bíblias e Novos Testamentos, estiveram em circulação no período citado aproximadamente, 6.500 exemplares disseminados em forma de folhetos e livretos.

No ano de 1866, Robert Reid Kalley solicitou o envio de novos impressos, em carta dirigida à BFBS, a fim de receber livros e folhetos para serem vendidos no Brasil. Observe a discriminação abaixo, apresentada no quadro 4.

¹⁹ Para obter maiores informações a respeito da imigração alemã no Brasil ler “A cultura ocultada ou a influência alemã na cultura brasileira durante a segunda metade do século XIX” (NASCIMENTO, J. 1999).

QUADRO 4. SOLICITAÇÃO DE IMPRESSOS A SOCIEDADE BÍBLICA BRITÂNICA E ESTRANGEIRA (1866)

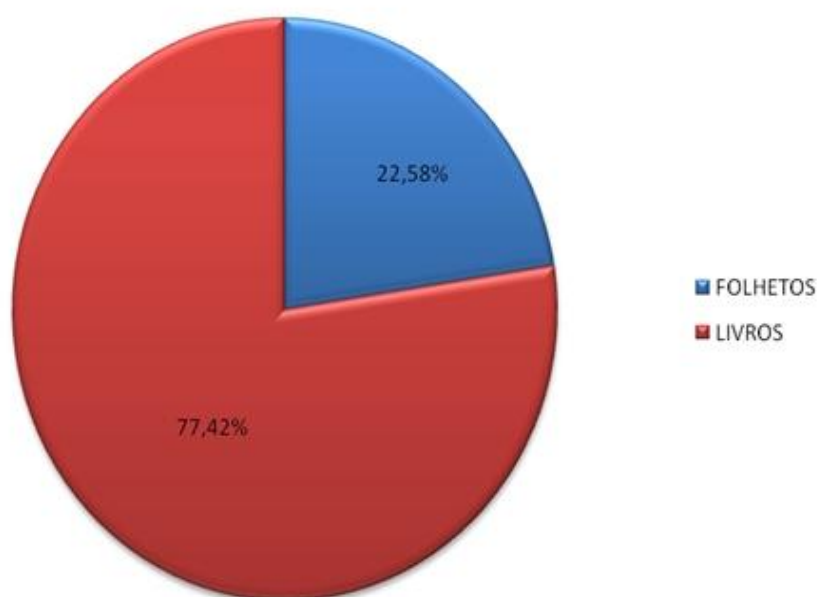
TÍTULO	TIPO	QUANTIDADE
Ansioso Inquiridor	Folheto	200
Ao céptico	Livro	200
Mariquinhas	Livro	200
Mundo feliz	Livro	500
Não haverá mais pranto	Folheto	500
Religião de Jesus	Livro	500
Três perguntas	Livro	500
Viagem do cristão	Livro	500

Fonte: ROCHA, João Gomes da. **Lembranças do Passado**. Vols. 2. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Publicidade Ltda, 1944.

Com base nos dados referentes ao quadro de número 4, observa-se um total de 3.100 impressos, divididos entre livros e folhetos. Sendo que, na categoria denominada de livros incluem-se as Bíblias e Novos Testamentos.

De acordo com dados oferecidos na fonte analisada, alguns desses impressos eram ilustrados com imagens, a exemplo do livro “Ao céptico”.

LIVROS E FOLHETOS SOLICITADOS A BFBS EM 1866



Os dados apresentados a respeito da disseminação dos impressos demonstram que a leitura era uma prática que crescia significativamente no Brasil imperial, o que por sua vez, corrobora para a afirmativa de que no Brasil Oitocentista havia muitos leitores. Não obstante, é provável que a quantidade de impressos que circularam no país tenha sido maior. No entanto, esses dados referem-se à coleta realizada pelas fontes que tive acesso.

Para atrair diferentes públicos, ao produzir os impressos protestantes vários temas eram abordados, como podemos observar no quadro 5, os quais circularam em forma de folhetos, livretos e livros.

QUADRO 5. TÍTULOS E TEMAS DE IMPRESSOS PROTESTANTES QUE CIRCULARAM NO BRASIL DURANTE A SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

TEMAS	TÍTULOS
Educação	Cartilha O professor Gomes e o bom boticário Faria
História para crianças	História da Luzia O menino da mata e o seu cão Piloto Ovelhinhas Erric, o criado russo Estampas Cleão e Maia Ao céptico Contos para Choupanas Manquinha de Anchieta Jesus e Maria Duas ovelhas A jovem aldeã Henriquinho Mariquinhas ou Deus em tudo O menino que morreu
Romance	O caldeireiro O patriota O peregrino
Protestantismo	Viagem do cristão O mundo feliz O que é a Bíblia Religião de Jesus Evidências do cristianismo Incidentes nos caminho de ferro Como devemos entender a Bíblia Sagrada
Catolicismo	O ladrão na cruz O frade Bossouet e Maria O mérito redentor das lagrimas de Virgem Maria Livros apócrifos O domingo de Ramos
Evangelização	Feliciano esperança da gloria Vendo o invisível O dia de Natal Quero ter A cobra de bronze Três perguntas Não haverá mais pranto O grande jantar A antigualha Pequena chave

	Louco, louco A mãe moribunda Ansioso inquiridor O rei dos Judeus Lembranças diárias
Doutrina	Divina autoridade Semana santa Oração do meu pai Mandamentos Regras de ouro Báculo quebrado Vivo ou morto Chaves do mesmo tesouro
Pecado	Penitências O homem que matava os seus vizinhos Guerra santa O caminho perdido
Graça	Orações O remédio mais eficaz para os doentes mais desesperados Esperança da glória Salvador
Música sacra	Salmos e hinos

Fontes: ROCHA, João Gomes da. **Lembranças do Passado**. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Publicidade Ltda, V. 1, 1941. ROCHA, João Gomes da. **Lembranças do Passado**. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Publicidade Ltda, V. 2, 1944.

Neste quadro, pode-se verificar que, dos impressos protestantes que circularam no Brasil sob a direção de Robert Reid Kalley, os temas mais recorrentes abordavam sobre evangelização, história para crianças, conhecimentos sobre doutrina, Protestantismo e Catolicismo.

3.3 Sarah Pouton Kalley: cristã e educadora

Sarah Pouton Kalley participou ativamente do trabalho missionário ao lado de seu marido, auxiliando-o em diversas atividades. Além de cuidar do lar, organizou uma classe para ensinar a crianças e jovens as disciplinas História e Geografia, conduzia uma classe de música de hinos sagrados, foi professora de Escola Dominical, além de ter criado e dirigido o grupo “Sociedade de Senhoras”. As atividades e finalidades desse grupo não foram apresentadas nas fontes examinadas; no entanto, é possível que a reunião das mulheres

ocorresse para tratar sobre assuntos domésticos, assim como, para discutir leituras e cânticos bíblicos.

Escreveu grande parte dos Salmos e Hinos publicado por Robert Reid Kalley:

Ela compôs quase todos os hinos dos Salmos e Hinos, porquanto, dos 182 hinos assinados pelo Dr. Kalley apenas 13 foram realmente compostos por ele; controlava o trabalho dos colportores; fazia os ‘esboços’ dos sermões que os presbíteros ou diáconos tinham que pronunciar, na ausência do Dr. Kalley; etc (ROCHA, 1957 p. 357).

Além desses fatos, em 1866, Sarah Pouton Kalley escreveu o livro “A alegria da casa ou Raios de luz: sobre a vida familiar²⁰”, aprovado para uso das escolas públicas do Rio de Janeiro, no ano de 1880. Nele, a autora descreveu metodologicamente alguns aspectos que deveriam ser apreendidos pelas mulheres da época, como códigos de civilidade e bem viver.

²⁰ Um exemplar custava \$320 (Trezentos e vinte réis).



Figura 3: Capa do livro A Alegria da Casa ou Raios de Luz
Fonte: KALLEY, Sarah Pouton. *A alegria da casa ou Raios de luz: a vida familiar*. Lisboa: Livraria Evangélica, 1912.

O livro, composto por 83 páginas e 10 capítulos, é ilustrado com figuras e foi publicado por mais de sete vezes, tendo sua oitava edição realizada pela Livraria Evangélica de Lisboa. Escrito para o público feminino, em especial, para as mulheres evangélicas da IEF. Por conseguinte, teve ampla aceitação na década de 80, sendo adotado em escolas públicas do Rio de Janeiro.

Enfatiza alguns aspectos característicos de uma boa conduta e costumes de civilidade, como, por exemplo, ensina procedimentos para realizar a higiene pessoal, higiene da família e do espaço doméstico. Nos dez capítulos, a autora abordou acerca do asseio no ambiente doméstico, a ponto que, segundo ela, o cuidado com os pequenos detalhes eram fundamentais para a organização e a pureza do ambiente que, por sua vez, deveria proporcionar a todos um bem estar.

O livro foi dividido da seguinte forma: Acerca da cozinha; Acerca do quarto de dormir; Acerca das salas; Acerca das janelas e exterior da casa; Acerca das despesas da casa; Acerca do asseio do corpo; Acerca do vestuário; Acerca do tratamento dos dentes; Acerca do tratamento dos filhos; Acerca do marido e da mulher.

Sarah Pouton Kalley preocupou-se em colaborar com o aprimoramento de bons costumes das senhoras de sua época, esposas, mães e donas de casas, uma vez que, como administradoras do lar, elas deveriam prezar pelas boas maneiras de viver, e zelar pelo benefício e saúde de toda a família.

Por meio de um discurso didático-metodológico, chamava a atenção das leitoras, ensinando-as como deveriam proceder para alcançar os objetivos apresentados no livro. Cada espaço da casa deveria ser organizado de maneira que era indispensável realizar a limpeza diariamente e, semanalmente, uma lavagem geral. As janelas, de igual modo, deveriam ser conservadas limpas e sempre abertas para entrar ar puro; a disposição dos móveis deveria estar organizada de forma a evitar o agrupamento desnecessário. As donas de casa deveriam, ao mesmo tempo, prezar pelo espaço em que se dormia, mantendo-o higienizado e arejado²¹.

Quanto aos pais, Sarah Pouton Kalley chamava a atenção para a questão da disciplina, o respeito e o exemplo na relação com os filhos, como também ressaltava a importância da tolerância e confiança entre os cônjuges, pois, para a autora, esses eram princípios fundamentais para um bom relacionamento conjugal.

²¹ A respeito do livro de Sarah Kalley, o pesquisador Iranilson Buriti publicou seu livro “**Leituras do sensível: escritos femininos e sensibilidades médicas no Segundo Império**” (2011).

“A alegria da casa ou Raios de luz: sobre a vida familiar”, livro de respaldo moral, certamente muito colaborou para a qualidade de vida não apenas das mulheres do século XIX, mas também de seus conterrâneos, por ter representado uma ação “na tentativa de transformação do papel da mulher no Brasil Império” (CARDOSO, 2005, p. 15), pois, sendo a mulher responsável pela organização e asseio doméstico, tornava-se necessário instruí-las, tendo como resultado o progresso da sociedade por intermédio de novos hábitos e, assim, por uma vida mais profícua.

Sarah Pouton Kalley foi uma “mulher capaz de reivindicar seus direitos e questionar seus papéis” (ALMEIDA, 1998, p. 173), agindo como uma cidadã colaboradora para as transformações da sociedade a qual fez parte, apoiando as atividades do marido, a fim de poder alcançar bons resultados em diferentes atuações – como administradora do lar, esposa, mãe, professora, além de autora de cartas, sermões e hinos.

Destaco ainda que, durante o século XIX, a dependência da mulher em ocupar posição social inferior ao homem, certamente elucidava o papel de ascendência da figura masculina nas diversas atividades da sociedade; em contrapartida, mesmo vivendo sob influências estabelecidas pela imposição social, Sarah Pouton Kalley, além das diversas colaborações exercidas, ainda expressou seu talento.

Há uma vasta bibliografia que discute com maior intensidade as relações da inserção da mulher nos muros das escolas e em ambientes de trabalhos antes ocupados somente por homens. Trata-se de pesquisas que evidenciam as conquistas e dificuldades enfrentadas por mulheres, esposas, mães, professoras e escritoras, por exemplo, que romperam obstáculos impostos pela época em que viveram.

Nessa perspectiva, ressalto algumas pesquisas; entre as quais a de Carla Simone Chamon (2008), que investigou sobre a professora e escritora Maria Guilhermina Loureiro de Andrade, que agiu na esfera educacional do Brasil como mediadora e reformadora de um modelo pedagógico norte-americano, apreendido durante a experiência de uma viagem realizada aos Estados Unidos no final do século XIX.

Saliento ainda o trabalho de Charliton Machado, intitulado “A mulher e a Educação: pelos fios das memórias” (2009), cujo foco foi o de analisar questões norteadoras acerca da trajetória educacional e profissional de mulheres que viveram no século XX. Dentre os destaques, o autor alude que:

Várias dessas questões têm sido levantadas por outros (as) pesquisadores (as) no intuito de compreender o papel social atribuído à mulher no decorrer do século XX pautado em um discurso ideológico dividido entre o conservadorismo e o reformismo, cuja especificidade era a supressão de sua capacidade de sujeito histórico e a delimitação de um comportamento ideal: rainha do lar. Comportamento esse cobrado pela sociedade e corroborado pela Lei, pela Igreja e pela Ciência, reforçado pela divulgação de uma verdadeira pedagogia do casamento que estabelecia as funções e os domínios específicos a homens e mulheres: a função da mulher consistia em casar, gerar filhos para a pátria e pasmar o caráter dos cidadãos de amanhã [...] (MACHADO, 2009, p. 19).

Nesse contexto, destaco também a Tese de Doutorado de Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas (2003), cuja análise foi direcionada à trajetória educacional e profissional de três mulheres sergipanas. No referido estudo, a autora buscou, entre outros aspectos, captar as principais estratégias utilizadas pelas personagens investigadas, a fim de compreender a ascensão social obtida a partir da atuação em espaços educacionais e políticos que, embora decorrentes do século XX, ainda eram marcadamente ocupados e dirigidos pelo público masculino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A documentação organizada e publicada por João Gomes Rocha, assim como as produções realizadas por pesquisadores como William Forsyth (2006), Douglas Nassif Cardoso (2001; 2005) e Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento (2004; 2007), corroboraram para o exercício de elaboração, construção e aprimoramento deste trabalho.

Por meio desta produção, procurei enfatizar o papel missionário desempenhado por Robert Reid Kalley, assim como discorri acerca da importância de sua atuação para consolidar de forma definitiva o Protestantismo no Brasil, uma vez que, antes de sua intervenção, existiram outros agentes da causa protestante, a exemplo dos huguenotes franceses em meados do século XVI e, posteriormente, os metodistas que agiram por volta da primeira metade do século XIX – ambos perseguidos por grupos católicos e forçados a abandonar o território brasileiro.

Dentre as atividades de publicações realizadas pelo casal Kalley, ele escreveu o livro “O Catecismo Histórico” e Sarah Pouton Kalley, “A alegria da casa ou Raios de luz: sobre a vida familiar” – livros adotados por escolas públicas do Rio de Janeiro.

No Brasil, alguns representantes políticos opuseram-se à ação de protestantes, a ponto que outros se posicionaram a favor da tolerância religiosa e, sobretudo, das inovações educacionais geridas por imigrantes protestantes. Dentre os projetos educacionais estabelecidos por eles no Brasil Oitocentista, estiveram a:

Escola Americana instalada em São Paulo, no ano de 1871, seguida do Colégio Piracicabano, 10 anos depois, [...] o Colégio Americano (Porto Alegre - 1885), o Colégio Grembery (Juiz de Fora - 1889), a Escola do Alto (Rio de Janeiro - 1892), Colégio Mineiro (Juiz de Fora - 1891), Colégio Americano Fluminense (Rio de Janeiro - 1892), Colégio Americano de Petrópolis (1895), Colégio Metodista (Ribeirão Preto - 1899), Colégio Americano (Taubaté - 1890), dentre outros (NASCIMENTO, J., 1999, p. 84).

Antes mesmo, por volta da década de 50 do Oitocentos, com a organização da Escola Dominical, assim como a difusão dos impressos protestantes, conformaram-se como atitudes colaboradoras para informar e formar brasileiros e estrangeiros inseridos nesse processo, de maneira que a participação da população a novas práticas civilizatórias permitiram, de igual modo, consolidar a religião protestante no país.

As ações dirigidas por Robert Reid Kalley possibilitou maior abertura para a religião protestante no Brasil, durante uma época em que a religião católica predominava na esfera

religiosa do país. Mesmo exposto a dificuldades, perseguições e violências, contou com o apoio da população cristã protestante para edificar e pôr em funcionamento a Igreja Evangélica Fluminense e a Igreja Evangélica Pernambucana.

No Brasil, a intervenção religiosa desenvolvida por Robert Reid Kalley conformou-se especialmente através da circulação dos impressos protestantes, tendo expandido o trabalho de divulgação principalmente na região Sudeste e em parte do Nordeste, a exemplo de Pernambuco, Bahia e Sergipe, de maneira que, além de permitirem a circulação de ideias acerca do Protestantismo, os impressos foram responsáveis pela consolidação de diversos grupos de leitores, da literatura religiosa protestante, os quais serviram como importantes instrumentos de trabalho.

Os dados apresentados a respeito da disseminação dos impressos demonstram que a leitura era uma prática que crescia significativamente no Brasil imperial, o que por sua vez, corrobora para a afirmativa de que no Brasil Oitocentista havia muitos leitores.

Uma das características que possibilitou a eficácia do projeto protestante realizado por Robert Reid Kalley foi a iniciativa de buscar, através de mecanismos educacionais, novos fieis e aliados. Para tanto, fez-se necessário organizar escolas, como as Escola Dominicais e as Escolas Primárias. Além disso, utilizou como tática a oferta de professores missionários para alfabetizar as pessoas, para, em seguida, poder oferecer-lhes os impressos. Não obstante, colaborou com os alfabetizados, pois a ação de disseminar a palavra impressa convalidou o acesso à informação e à conformação de comunidades de leitores através da escrita bíblica em vernáculo.

Considerando o recorte temporal apresentado nesta pesquisa, torna-se relevante afirmar que a ação desenvolvida pelo casal Kalley e seus colaboradores foi de grande valia para a história das práticas educacionais no Brasil, uma vez que eles agiram como articuladores de saberes e formadores de um novo modelo sociocultural.

Para além da ação educativa, Robert Reid Kalley operou na área da saúde, atendendo a diferentes classes sociais e oferecendo acolhimento gratuito à população pobre. Por outro lado, procurou divulgar as ideias protestantes através de publicações em jornais, como também usou como tática o convite de portugueses madeirenses para atuarem no Brasil, como vendedores de impressos e como evangelizadores.

Em meio às conquistas alcançadas por protestantes no Brasil, a partir da década de 70 do século XIX, houve a obtenção legal de registro civil de nascimento, casamento e óbito, antes impedido àqueles que não eram católicos.

Embora ainda de forma insuficiente, os estudos realizados acerca da atuação de educadores protestantes no Brasil demonstram que é expressiva a colaboração desses religiosos para o desenvolvimento da educação no país, principalmente, entre os séculos XIX e XX.

Os autores que vêm trabalhando com essa temática têm colaborado para outras pesquisas, assim como para a pesquisa que resultou neste trabalho, pois possibilitaram o exercício de análise e cruzamento de dados, e ainda, por apresentar possíveis indícios ou aspectos que revelam sobre a ação religioso-educativa de imigrantes protestantes em solo brasileiro.

Desse modo, ficará o desejo e a expectativa de que outros pesquisadores possam analisar e apurar outros estudos que tratem a respeito da intervenção religiosa e educacional de grupos protestantes; ou quem sabe, sobre esse indivíduo ou sobre o grupo ao qual esteve inserido, de modo que possa aperfeiçoar ou revelar os silêncios que permaneceram por falha ou apenas por uma escolha da historiadora.

BIBLIOGRAFIA E FONTES

FONTES

ROCHA, João Gomes da. **Lembranças do passado**. Ensaio histórico do início e desenvolvimento do trabalho evangélico no Brasil, do qual resultou a fundação da 'Igreja Evangélica Fluminense', pelo Dr. Robert Reid Kalley. Primeira fase – 1855 a 1864. Vol. 1. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Publicidade Ltda, 1941.

ROCHA, João Gomes da. **Lembranças do passado**. Ensaio histórico do início e desenvolvimento do trabalho evangélico no Brasil, do qual resultou a fundação da 'Igreja Evangélica Fluminense', pelo Dr. Robert Reid Kalley. Segunda fase – 1865 a 1867. Vol. 2. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Publicidade Ltda, 1944.

ROCHA, João Gomes da. **Lembranças do passado**. Ensaio histórico do início e desenvolvimento do trabalho evangélico no Brasil, do qual resultou a fundação da 'Igreja Evangélica Fluminense', pelo Dr. Robert Reid Kalley. Terceira fase – 1868 a 1872. Vol.3. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Publicidade Ltda, 1946.

ROCHA, João Gomes da. **Lembranças do passado**. Ensaio histórico do início e desenvolvimento do trabalho evangélico no Brasil, do qual resultou a fundação da 'Igreja Evangélica Fluminense', pelo Dr. Robert Reid Kalley. Quarta fase – 1873 a janeiro de 1888. Vol. 4. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Publicidade Ltda, 1957.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Márcia. **História de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de Letras: Associação de leituras do Brasil, 1999.

ABREU, Márcia; BRAGANÇA, Aníbal (Org.). **Impresso no Brasil**: dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: UNESP, 2010.

AFONSO, José António Martin Moreno. **Protestantismo e Educação**: história de um projeto pedagógico alternativo em Portugal na transição do séc. XIX. Braga: Universidade do Minho, 2009.

ALVES, Gilberto Luiz. A centralidade do instrumento de trabalho na relação educativa: a escola moderna brasileira nos séculos XIX e XX. In: NETO, Wenceslau Gonçalves (Org.). **Práticas escolares e processos educativos**: currículo, disciplinas e instituições escolares. Vitória: EDUFES, 2011.

ARAÚJO, Jorge de Souza. **Perfil do leitor colonial**. Salvador: UFBA, Ilhéus: UESC, 1999.

BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Tereza Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. (Org). **Destino das letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Leitura: práticas, impressos, letramentos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BERTINATTI, Nicole; ALMEIDA, Mirianne Santos de; MAZÊO, Priscila Silva. A Escola Dominical Presbiteriana e a propagação de suas práticas educativas. In: **Anais Eletrônicos do IV Colóquio Internacional: Educação e Contemporaneidade**. São Cristóvão: UFS, 2010c, p. 1-15.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Fim de século – Edições, Sociedade Unipessoal, 2003.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKI, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 203-233.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989): a Revolução francesa da historiografia**. São Paulo: UNESP, 1997.

BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo: UNESP, 2002.

CARDOSO, Douglas Nassif. **Robert Reid Kalley: médico, missionário e profeta**. São Bernardo do Campo SP: Edição do autor, 2001.

CARDOSO, Douglas Nassif. **Práticas Pastorais do Pioneiro da Evangelização do Brasil**. São Bernardo do Campo: Ed. do Autor, 2005.

CARDOSO, Douglas Nassif. **Cotidiano feminino no segundo império**. São Bernardo do Campo: Ed. do autor, 2005.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A escola e a República e outros ensaios**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

CASTRO, Cesar Augusto. O Artista: um jornal dedicado a indústria e às artes no Maranhão Império. In: CASTRO, Cesar Augusto (Org.). **Leitura, impressos e cultura escolar**. São Luís: EDUFMA, 2010, p. 177-191.

CERTEAU, Michel de. Estratégias e táticas. In: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 97-102.

CHAMON, Carla Simone. **Escolas em reforma, saberes em trânsito: a trajetória de Maria Guilhermina Loureiro de Andrade (1869-1913)**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

DARNTON, Robert. **Os dentes falsos de George Washington**: um guia não convencional para o século XIX. Tradução José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ELIAS, Nobert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994a.

ELIAS, Nobert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994b.

ELIAS, Nobert. **Mozart, sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1995.

ELIAS, Nobert. **A sociedade de corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Instrução elementar no século XIX. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira (Org.) **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 135-150.

FISCHER, Beatriz T. Daudt. Arquivos pessoais: incógnitas e possibilidades na construção de uma biografia. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. (Org). **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 263-278.

FORSTH, William B. **Jornada no Império**: vida e obra do Dr. Kalley no Brasil. São José dos Campos: FIEL, 2006.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. A produção dos estudos biográficos em Sergipe e as principais contribuições para a História da Educação. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. (Org). **Autobiografias, histórias de vida e formação**: pesquisa e ensino. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006, p. 146-155.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. São Paulo: EDUSP, 1985.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas: Autores Associados, nº 1, jan/jun, 2001, p. 9-43.

KALLEY, Sarah Pouton. **A alegria da casa ou Raios de luz:** sobre a vida familiar. Lisboa: Livraria Evangélica, 1912.

LE GOFF, Jacques. Documento/ Monumento. In: LE GOFF, Jacques. **Enciclopédia Einaudi: memória- história.** Porto Imprensa Nacional/ Casa da Moeda. V. I, 1984, p. 95-106.

LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

LÉONARD, Émile Guillaume. **O Protestantismo brasileiro:** estudo de eclesiologia e história social. São Paulo: ASTE, 1963.

LOPES, Eliana Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva. **Educação e educadoras na Paraíba do século XX:** práticas, leituras e representações. João Pessoa: UFPB, 2009.

MACHADO, Charliton José dos Santos. **Zila Mamede:** trajetórias literárias e educativas. Campina Grande: EDUEPB, 2010.

MACHADO, Charliton José dos Santos; VASCONCELOS, José Gerardo; VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula. **O barão e o prisioneiro:** biografia e história de vida em debate. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

MAZÊO, Priscila Silva; NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. A ação de Robert Reid Kalley na difusão de saberes e práticas protestantes no Brasil Oitocentista. In: **Anais Eletrônicos do II Colóquio Internacional: Educação e Contemporaneidade.** São Cristóvão: UFS, 2008b, p. 1-15.

MAZÊO, Priscila Silva. Robert Reid Kalley um difusor de práticas religiosas e educacionais no Brasil do Oitocentos. In: **Anais Eletrônicos do IV Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) Biográfica: espaço (auto) biográfico, artes de viver, conhecer e formar.** São Paulo: USP, 2010a, p. 1-11.

MAZÊO, Priscila Silva; NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do; NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. Sociedades Bíblicas e a ação de Robert Reid Kalley e seus colportores no Brasil do Oitocentos. In: **Anais Eletrônicos do VIII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: infância, juventude e relações de gênero na História da Educação.** São Luís: UFMA, 2010c, p. 1-17.

MAZÊO, Priscila Silva. Circulação de impressos protestantes e a ação de Robert Reid Kalley no Brasil durante o século XIX. In: **VI Congresso Brasileiro de História da Educação: invenção, tradição e escritas da História da Educação no Brasil.** Vitória: UFES, 2011a, p. 1-12.

MAZÊO, Priscila Silva; ALMEIDA, Mirianne Santos de; BERTINATTI, Nicole. A esfera educacional como estratégia de atuação missionária: a ação do educador Robert Reid Kalley. In: **I Encontro Luso-Brasileiro sobre Trabalho Docente/ VI Encontro Brasileiro da Rede de Estrado**. Maceió: UFAL, 2011b, p. 1-12.

MAZIN, Angelo Diogo; STEDILE, Miguel Enrique. **Abreu e Lima**: general das massas. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **A Escola Americana**: origens da educação protestante em Sergipe (1886-1913). São Cristóvão: Grupo de Estudos em História da Educação/NPGED/UFS, 2004.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **Imprensa protestante nos Oitocentos**. Projeto de Pesquisa. Aracaju: Unit/NPED, 2007a.

NASCIMENTO, Ester F. Vilas-Bôas C. do. **Educar, curar, salvar**. Uma ilha de civilização no Brasil tropical. Maceió: UFAL; Aracaju: Unit, 2007b.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. Brasil e Portugal: circulação de impressos protestantes. In: **VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação**: cultura escolar, migrações e cidadania. Porto: Universidade do Porto, 2008b. p. 1-10.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **A cultura ocultada ou a influência alemã na cultura brasileira durante a segunda metade do século XIX**. Londrina: Ed. UEL, 1999.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Intelectuais da Educação**: Sílvio Romero, José Calasans e outros professores. Maceió: EDUFAL, 2007.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **A escola de Baden-Powell**: cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de Estado no Brasil. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti. **Leituras do sensível**: escritos femininos e sensibilidades médicas no Segundo Império. Campina Grande: EDUEFCG, 2011.

RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo no Brasil Monárquico (1822-1888)**: aspectos culturais da aceitação do Protestantismo no Brasil. São Paulo: Pioneira, 1973.

SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. (Org.) **Por uma história política**. Rio de Janeiro: UFRJ, Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 231-269.

SIRINELLI, Jean François. As elites culturais. In: RIOUX, Jean Pierre e SIRINELLI, Jean François. **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1997, p. 259-278.

SOARES, Caleb. **Os bandeirantes da Reforma**. Santos: Instituto de Pedagogia Cristã, 2006.

SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Tereza; ALMEIDA, Jane Soares de. **O legado educacional do século XIX**. Araraquara: UNESP – Faculdade de Ciências e Letras, 1998.

VERÇOSA, Elcio de Gusmão (Org.). **Intelectuais e processos formativos em Alagoas: (séculos XIX - XX)**. Maceió: EDUFAL, 2008.

VIDAL, Diana Gonçalves. **Culturas escolares: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX)**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

VIEIRA, David Gueiros. **O Protestantismo, a Maçonaria e a questão religiosa no Brasil**. 2ª ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1980.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: LTC, 2002.

Periódicos

MATOS, Alderi Souza de. Robert Reid Kalley: pioneiro do Protestantismo missionário na Europa e nas Américas. In: **Fides Reformata**, São Paulo: Mackenzie, VIII. nº 1, 2003, p. 9-28.

OLIVEIRA, Rui A. Costa. Dr. Robert Reid Kalley e o estabelecimento do Presbiterianismo em Portugal e no Brasil. In: **Revista Lusófona de Ciência das Religiões**. Ano V, 2006, n 9/10 p. 103-123.

Dissertações e Teses

BEDA, Ephraim de Figueiredo. **Editoração Evangélica no Brasil: troncos, expoentes e modelos**. São Paulo: SP, 1993. (Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação).

BERTINATTI, Nicole. **A Escola Dominical Presbiteriana como divulgadora de saberes e práticas pedagógicas religiosas (1909-1928)**. Sergipe: Universidade Tiradentes, 2011. (Dissertação - Mestrado em Educação)

FREITAS, Anamaria Bueno Gonçalves de. **Educação, trabalho e ação política: sergipanas no início do século XX**. Campinas: UNICAMP, 2003. (Tese de Doutorado em Educação).

FREITAS JR., Cleófas Lima Alves de. **As Práticas e Representações Femininas no Protestantismo de Campina Grande: a Igreja Evangélica Congregacional (1927-1960)**. Campina Grande: UFPB, 2010. (Dissertação - Mestrado em História).

LIMA, Maria do Socorro. **República, Política e Direito: representações do trabalho docente e a trajetória de Carvalho Neto (1918-1921)**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2008. (Dissertação - Mestrado em Educação).

SILVA, Eugênia Andrade Vieira da. **A formação intelectual da elite sergipana (1822-1889)**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2004. (Dissertação - Mestrado em Educação).

SILVA, Sandra Cristina da. **Educação de papel: impressos protestantes educando mulheres**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco Centro de Educação, 2009. (Dissertação - Mestrado em Educação).

SILVEIRA, Jussara Maria Vieira. **Da medicina ao magistério: aspectos da trajetória de João Cardoso Nascimento Júnior**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2008. (Dissertação - Mestrado em Educação).

VASCONCELOS, Micheline Reinaux de. **As Boas Novas pela palavra impressa: impressos e imprensa protestante no Brasil (1837-1930)**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010. (Tese de Doutorado em História).

Artigos Eletrônicos:

BIELINSKI, Alba Carneiro. **Educação profissional no século XIX – Curso Comercial do Liceu de Artes e Ofícios: um estudo de caso**. Disponível em: www.senac.br/BTS/263/boltec263e.htm Acesso em 05/09/2011 às 14h:59min.

COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **A origem da Escola Dominical no Brasil: esboço histórico**. Maringá, 2010, 14 p. Disponível em: [http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/EST/DIRETOR/Introducao a Educacao Crista_15_-_Final.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/EST/DIRETOR/Introducao_a_Educacao_Crista_15_-_Final.pdf). Acesso em 27/11/2011, às 10h18min.